

ÍNDICE

8.5	Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico	1/29
8.5.1	Considerações Iniciais	1/29
8.5.2	Histórico de Povoamento da Região e Aspectos Regionais.....	1/29
8.5.3	Conceituação Metodológica.....	4/29
8.5.4	Diagnóstico Preliminar do Potencial Arqueológico	5/29
8.5.5	Sítios Arqueológicos Encontrados	5/29
8.5.5.1	Localização dos Sítios em Relação ao Empreendimento	7/29
8.5.6	Recomendações.....	29/29

ANEXOS

Anexo 1 - Portaria IPHAN nº 252, de 19 de dezembro de 2003

Anexo 2 - Planta de Situação - Sítio da Brasília

Anexo 3 - Planta de Situação - Sítio da Farinha

Anexo 4 - Planta de Situação - Sítio João Galinha

Anexo 5 - Planta de Situação - Sítio Manoel Barbosa

Anexo 6 - Planta de Situação - Sítio João Francisco

Anexo 7 - Planta de Situação - Sítio da Nega

Anexo 8 - Planta de Situação - Sítio Ilha de Itapeuara

Anexo 9 - Planta de Situação - Sítio Santo Antônio

Anexo 10 - Planta de Situação - Sítio Cachoeira

Anexo 11 - Planta de Situação - Sítio Dona Dalvina

Anexo 12 - Planta de Situação - Sítio Limoeiro

Anexo 13 - Planta de Situação - Sítio Ilha Sabão

Anexo 14 - Planta de Situação - Sítio Seu Sebastião

Anexo 15 - Relatório Fotográfico

8.5 PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E ARQUEOLÓGICO

8.5.1 Considerações Iniciais

Este documento visa descrever as ações empregadas no Projeto de Diagnóstico Arqueológico na área de implantação da UHE Santo Antônio do Jari, empreendimento a ser desenvolvido nos municípios de Laranjal do Jari no Estado do Amapá e Almeirim no Estado do Pará. Sua realização foi condicionada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de acordo com o disposto pela Lei Federal nº 3.924/1961 e Portarias SPHAN nº 007/1988 e IPHAN nº 230/2002, sendo permitida sua execução conforme Portaria nº 252, de 19 de dezembro de 2003, publicada no Diário Oficial da União (D.O.U.) de 23 de dezembro do mesmo ano (Anexo 1).

A etapa de levantamento arqueológico compreendeu a área total do empreendimento e suas adjacências. Essa estratégia de atuação objetivou estabelecer um quadro o mais completo possível sobre a existência de sítios relacionados aos patrimônios culturais local e regional, que permitissem esboçar a dinâmica ocupacional e organizacional das sociedades humanas no passado, cujos traços ainda se encontram presentes na região de análise. Entretanto, como houve modificação de localização de áreas de canteiro, empréstimo de material terrígeno e bota-fora, durante os trabalhos de salvamento arqueológico, deverá ser realizada prospecção na área, objetivando o levantamento de outros sítios arqueológicos que porventura venham a ser encontrados.

Assim sendo, nos itens seguintes será apresentado um breve histórico de povoamento da região e aspectos regionais existentes. Adiante, procurar-se-á discorrer sobre a conceituação metodológica utilizada, bem como também dos resultados obtidos em relação ao potencial arqueológico existente, apresentando descrição e caracterização dos sítios arqueológicos encontrados. Ao final, serão apresentadas as recomendações sugeridas e a avaliação dos impactos causados sobre o patrimônio cultural e arqueológico local.

8.5.2 Histórico de Povoamento da Região e Aspectos Regionais

A biodiversidade encontrada na Região Amazônica favoreceu o estabelecimento de diferentes grupos, constituindo diferentes “saberes” culturais. Estes ditos “saberes” foram também elementos diferenciadores para o processo de ocupação e apropriação do espaço e de adaptabilidade aos diferentes ecossistemas.

Os primeiros habitantes da região viviam basicamente da caça, da pesca e da coleta de víveres, ocupando preferencialmente locais cuja obtenção destes recursos fosse facilitada pela disponibilidade e quantidade de oferta. Assentavam-se, sobretudo, em acampamentos a céu aberto ou em abrigos sob rocha e entradas de grutas e cavernas. Os períodos para ocupação humana pretérita na região situam-se no intervalo de 12.000 até 1.000 A.P.P. (Magalhães, 1999).

A cerâmica utilitária foi introduzida na Região Amazônica há cerca de 3.000 A.P.P. Os sambaquieiros, primeiros grupamentos humanos a habitar a região, tinham na pesca e na coleta de crustáceos e moluscos uma das principais fontes de alimentação. Distribuíam-se por todo o litoral nordeste paraense, indo desde a Baía de Marajó até a foz do rio Gurupi, na divisa com o Estado do Maranhão.

No intervalo de 1.100 a 200 A.P.P., os grupos ceramistas - que além de praticarem a caça e pesca e a coleta de víveres na floresta, também praticavam uma agricultura incipiente -, habitaram a Ilha de Marajó e o Baixo Amazonas, tendo suas aldeias construídas às margens de rios e igarapés. (Corrêa, *et al.*, 1994).

Segundo Corrêa e colaboradores (1994), nos primórdios da Era Cristã, a Amazônia foi ocupada por grupamentos humanos com padrões culturais diversos, que aí sobreviveram até o século XVI, quando foram dizimados pelos portugueses e espanhóis. Tais grupamentos baseavam sua dieta alimentar em produtos procedentes da horticultura itinerante, cujas culturas principais eram o cultivo de raízes e tubérculos. De acordo com as atividades culturais, estes grupamentos habitavam aldeias constituídas por uma casa comunal ou por várias casas dispostas em círculo, às margens dos rios ou lagos, sendo as mesmas construídas diretamente sob o solo ou em palafitas. Dada à dispersão geográfica desses assentamentos, acredita-se que foram os grupos que melhor se adaptaram ao ambiente da Floresta Tropical Úmida, cujo modo de vida foi seqüenciado pelos atuais grupos remanescentes.

Ainda no início da Era Cristã, grupamentos humanos cuja evidente complexidade se manifesta na organização social, além dos atributos dos padrões tecnológicos da cerâmica, viveram em algumas regiões amazônicas até os idos do século XIV. Alguns cientistas distinguem-nos dos grupamentos humanos procedentes das regiões subandinas, já que estes praticavam agricultura mais desenvolvida, diferentemente das coivaras realizadas na região amazônica. Os vestígios mais expressivos são representados pelas culturas Marajoara (localizada na Ilha de Marajó) e Tapajônica.

Na cultura Marajoara, segundo a arqueóloga americana Betty Meggers (citado por Roosevelt, 1999), a sobrevivência e manutenção desses grupamentos humanos foram condicionadas por fatores ecológicos e climáticos, já que a pobreza mineral do solo amazônico - uma vez que há uma retro-alimentação da floresta, onde esta utiliza as próprias folhas que caem de suas copas para produzir seu alimento -, não condicionou suporte de víveres capazes de sustentar o

desenvolvimento destes. Este pensamento, pautado na vertente científica do Determinismo Ecológico/Ambiental, durante muitas décadas, direcionou a interpretação cultural dada aos povos que habitaram estas áreas na região amazônica.

Durante a década de 1980 e início de 1990, a comunidade científica ainda concordava com as hipóteses de Meggers quanto ao baixo potencial agrícola do solo amazônico. Atrelada a esta hipótese, ainda havia o pensamento dominante de que a produção de alimentos com baixos teores calóricos e de ciclo sazonal não seria suficiente para a sustentação de grandes densidades populacionais.

No âmbito dessas interações é que Roosevelt propõe, mesmo ainda sem provas contundentes, um modelo de sociedade estratificada e socialmente organizada (cacicados), para os grupos do Tapajó/Santarém. Esta afirmativa baseia-se, sobretudo, no cruzamento de dados com as fontes etnográficas e crônicas do século XVI e XVIII, que apontam os assentamentos do Tapajó, como permanentes, com grandes territórios, cujas chefias estavam a cargo de um chefe principal, supostamente com origem divina, com mais de sessenta mil guerreiros a sua disposição. Os Tapajó são ainda descritos como portadores de uma economia de grande escala, incluindo produção agrícola intensiva, caça, pesca processamento e armazenamento de alimentos e fabricação de cerâmica decorada destinada ao comércio (Gomes, 2002).

Na Amazônia, o extrativismo sempre foi a principal fonte econômica de motivação à colonização da região, desde as primeiras décadas do século XX. Inicialmente, para os castanhais nativos, convergiram levas de migrantes, principalmente oriundos do sertão nordestino. Entretanto, durante as décadas que se seguiram, a grande investida de conquista e colonização na região se deu de forma mais continuada.

Nos anos de 1960, as regiões Amazônica e do Planalto Central foram apresentadas ao Brasil como uma grande alternativa de desenvolvimento e de conquista de novos territórios. Neste período, estava sendo implantado no Brasil o modelo rodoviário de transporte, onde um dos pilares econômicos se fazia na procura e obtenção de vastas áreas de terras voltadas para a produção agropecuária e de grãos destinados em especial à exportação. Extensas áreas anteriormente ocupadas por matas densas foram abertas para dar lugar aos projetos progressistas de avanço econômico do país. Estimou-se que a pecuária fosse uma atividade economicamente viável na região amazônica. A vegetação nativa foi derrubada objetivando a abertura de áreas onde alocar as pessoas que trabalhariam para o progresso da região, cuja matéria-prima foi explorada para a construção das agrovilas federais. Contudo, com a derrubada da mata, muitas espécies de madeira consideradas nobres (jacarandá, cedro, mogno, etc.) foram extraídas por madeiras

locais, visando o comércio destas nas grandes cidades brasileiras. Nos locais onde a mata não foi derrubada, houve queimadas, surgindo nessas áreas grandes lavouras agrícolas e pastagens.

Projetos tidos como faraônicos para a Região Amazônica, porém voltados para o progresso do país, como as rodovias Transamazônica, Perimetral Norte, Projeto Jari, e a construção de usinas hidrelétricas, dentre outros, foram conquistando novos espaços no meio da floresta equatorial.

Em fins da década de 1960 emergem os movimentos ecológicos, questionando os conceitos de desenvolvimento econômico até então em vigor. Coincidem também, no período em questão, os investimentos destinados à pesquisa mineral, devido à descoberta do alto potencial mineralógico da região, e à influência do capital estrangeiro. Para a Amazônia ocorre a convergência das mais diferentes instâncias de interesses, de cunho político e econômico, voltados para o chamado Desenvolvimento do País.

8.5.3 Conceituação Metodológica

A colonização da área de interesse, conforme já citado, deu-se de forma tardia, principalmente durante a segunda metade do século XX, através de incentivos do Governo Federal e conseqüente afluxo de contingentes populacionais em busca das riquezas oferecidas pela floresta. A criação de colônias agrícolas e, posteriormente, de vilas atreladas ao desenvolvimento das atividades minerárias - a exemplo de Canaã, Parauapebas, Carajás dentre outras - onde o afluxo de imigrantes foi expressivo, torna-as intrinsecamente correlacionadas em seu contexto de ocupação histórica.

Em virtude dessa dinâmica contemporânea, faz-se necessário compreender e avaliar o contexto histórico de formação e desenvolvimento como um sistema complexo. No caso do processo ocupacional no período pré-histórico é preciso recorrer ainda mais a um contexto ampliado, considerando a diversidade ambiental disponível e, sobretudo, apoiado nas analogias que outros estudos em andamento possam oferecer. Cada vez mais torna-se imprescindível o intercâmbio dos resultados das variadas pesquisas em andamento, desencadeadas, principalmente, pelos Estudos Ambientais em atendimento aos ditames emanados pela legislação vigente, para que se possa elaborar um quadro sinótico das ocupações locais.

Durante os trabalhos de prospecção arqueológica na área de entorno ao empreendimento, o levantamento preliminar consistiu prioritariamente em buscar maior número de informações e dimensionar a realidade do empreendimento na sua área de implantação, áreas estas potencialmente detentoras de valores pré-históricos. As vistorias foram orientadas pelas

entrevistas com moradores locais e funcionários do Jari Celulose, mas, sobretudo por aferições dos locais propícios a atividades de moradia e registros de antigas populações para coleta de possíveis informações intra-sítios e do contexto arqueológico.

O contato com os funcionários foi também fundamental para uma melhor caracterização e análise da compartimentação fisiográfica, quando foram realizadas as visitas aos locais sugeridos pelos mesmos e àqueles que pudessem apontar maior potencial para assentamentos humanos.

8.5.4 Diagnóstico Preliminar do Potencial Arqueológico

Conforme o exposto acima, a área de enfoque vem sendo ocupada desde a segunda metade do século XVII. As primeiras investigações arqueológicas decorreram no século XIX, através das viagens de naturalistas à região. Na década de 1960, com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), os horizontes culturais arqueológicos foram expandidos em seriações cerâmicas e outras metodologias, porém, a área do rio Jari continuou intocada pelos programas de pesquisa arqueológica.

Por analogia a trabalhos realizados em regiões próximas, conforme mencionado, classifica-se neste momento, o Potencial Arqueológico da área em estudo como alto, principalmente em relação às suas potencialidades científicas, a fim de cumprir a tarefa de contribuição para um maior conhecimento da arqueologia desta área, até então pouco conhecida.

Os procedimentos do levantamento de campo foram realizados nas Áreas de Influência do empreendimento, reconhecendo a área e coletando as informações para o dimensionamento das atividades subsequentes. Foram localizados 14 sítios arqueológicos, os quais, juntamente com a paisagem em que estão inseridos, configuraram como o objeto de pesquisa sistemática cabível a esta fase.

Com a realização de novos trabalhos de prospecção arqueológica na área, é bastante provável que outros sítios possam vir a ser descobertos, uma vez que na Área de Influência Direta do empreendimento hidrelétrico existem áreas onde houve assentamentos de grupamentos humanos pretéritos ainda não localizados.

8.5.5 Sítios Arqueológicos Encontrados

Os sítios arqueológicos encontrados na Área de Influência foram agrupados de modo a identificá-los conforme sua localização em relação ao empreendimento (Quadro 8.5-1).

Quadro 8.5-1 - Sítios Arqueológicos Identificados na Área de Influência do empreendimento.

Nome dos Sítios	Coordenadas UTM		Filiação Cultural	Descrição Sumária	Localização
	N	E			
Brasília	9939901	312856	Histórico	Sítio com vestígios de antiga moradia.	AII
Ilha de Itapeuara	9937449	315270	Lítico - Oficina de polimento	Sítio destinado ao polimento de lâminas de machados, mós e adornos de pedra em geral.	AID
Petroglifo	9940755	313157	Gravuras	Sítio caracterizado pela ocorrência fortuita de um bloco apresentando em uma das faces uma série de petroglifos em forma de "rede".	AII
Farinha	9935734	316603	Histórico	Sítio com vestígios de edificação (casa de farinha) e cerâmica.	AII
Dona Dalvína	9937054	3237416	Cerâmico	Sítio localizado na margem esquerda do Rio Jari; foram encontrados fragmentos cerâmicos da Tradição Santarém.	ADA
Limoeiro	9933693	330756	Cerâmico	Sítio localizado na margem direita do Rio Jari; foram encontrados fragmentos cerâmicos de borda e fundo de vasilhames.	ADA
Ilha Sabão	9931996	330747	Cerâmico	Sítio com vestígios líticos e fragmentos cerâmicos em terra preta de índio.	ADA
Seu Sebastião	9931750	331670	Cerâmico	Sítio localizado na margem direita do Rio Jari; foram localizados fragmentos cerâmicos.	ADA
Santo Antônio	9928327	332243	Lito-cerâmico	Sítio localizado nas proximidades da Vila de Santo Antônio; foram localizados fragmentos cerâmicos simples e alguns fragmentos líticos lascados.	AID
Cachoeira	9928767	332420	Cerâmico	Sítio localizado na Cachoeira de Santo Antônio, proximidades da área onde será construída a barragem; foram localizados fragmentos cerâmicos de grande espessura.	AID
João Galinha	9925335	331219	Cerâmico	Sítio localizado na margem direita do Rio Jari; foram localizados fragmentos cerâmicos.	AII
Manoel Barbosa	9925807	331507	Lito-cerâmico	Sítio localizado na margem esquerda do Rio Jari; foram localizados fragmentos cerâmicos e material lítico.	AII
João Francisco	9925611	331568	Cerâmico	Sítio localizado na margem esquerda do Rio Jari; foram localizados fragmentos cerâmicos.	AII
Nega	9925116	331272	Lito-cerâmico	Sítio localizado na margem direita do Rio Jari; foram localizados fragmentos cerâmicos.	AII

8.5.5.1 Localização dos Sítios em Relação ao Empreendimento

1) Sítios Localizados na AII

Os sítios agrupados na Área de Influência Indireta da UHE Santo Antônio do Jari não apresentam:

a) Sítio da Brasília - Anexo 2

Sítio histórico, sendo seus vestígios indicativos de uma antiga moradia da segunda metade do século XX (entre 1960 e 1990), provavelmente núcleo de antigos garimpos da região.

A estrutura de habitação era constituída por cerca de 24 esteios e um conjunto de alicerces de madeira trabalhada. Entre os esteios que sustentavam a construção, encontra-se grande quantidade de fragmentos de vidro e algumas peças em ferro, dentre outros vestígios.

Foi encontrado, a cerca de quinze metros do local onde estão cravados os esteios, um veículo (modelo Brasília, cor azul clara) em estado avançado de destruição. Logo ao seu lado encontra-se uma roça abandonada de açaí, pupunha e tucumã, que tem seus limites entremeados com os da floresta.

Na área de entorno, segundo informações coletadas com os moradores locais, havia uma estrada que ligava o local à cidade de Monte Dourado - PA; hoje o local encontra-se completamente tomado pela floresta (Figura 8.5-1, Figura 8.5-2 e Figura 8.5-3).



Figura 8.5-1 - Vista geral dos esteios que sustentavam antiga moradia local. Observar o alinhamento.



Figura 8.5-2 - Automóvel abandonado (modelo Brasília) fabricado durante a década de 1980



Figura 8.5-3 - Tradagem realizada no Sítio da Brasília, para verificar o pacote sedimentar. Não foram encontrados vestígios em sub-superfície.

b) Sítio Petroglifo

Sítio lítico, caracterizado pela ocorrência de bloco arenítico apresentando em uma das faces uma série de petroglifos em forma de “rede”.

Trata-se de uma gruta pouco profunda e bastante preservada, por onde escoa uma pequena drenagem, que nasce a cerca de um quilômetro adentro da serra e que deságua no rio Jari. O local ainda apresenta pequenos afloramentos areníticos, completamente prospectados. A

única peça encontrada neste sítio foi a placa de arenito consolidado, de dimensões 34 x 17,5 x 2,5 centímetros, associada a uma pequena queda d'água, próxima ao rio Jari.

O local é de fácil acesso por meio de embarcação, apesar de estar completamente tomado pela floresta equatorial tropical, que predomina em toda a área do estudo. Segundo algumas informações do levantamento oportunístico, "desenhos dos índios" como os encontrados neste sítio, ocorrem em um local próximo ao remanso do reservatório e em área localizada a montante do rio Iratapuru, próxima a um antigo estabelecimento dos índios Aparai e de garimpo ainda ativo.

c) Sítio da Farinha - Anexo 3

Sítio lito-cerâmico de grandes dimensões, que se encontra inserido em um suave aclive a partir da margem do rio Jari. Está em uma área descampada, onde ocorre atualmente vegetação do tipo campina/herbácea rasteira e neste local há ainda uma casa de madeira abandonada. Logo acima da edificação principal, encontrou-se um remanescente bem conservado da casa de produção de farinha. Em volta das duas casas e aclive acima, além de todos os lados (vestígios dispostos em superfície, de forma radial e dispersa), foi encontrada grande quantidade de cerâmica arqueológica amazônica bem caracterizada (pasta, tempero, queima, decoração, adornos e etc.) por toda parte, em superfície de uma ampla área de sedimento de cor escura de origem antrópica pré-histórica, devendo-se sua coloração à grande atividade antrópica orgânica.

De acordo com o levantamento realizado em campo, estima-se que este sítio tenha sido um aldeamento pré-histórico de grande atividade e dimensões, sendo de 300 x 300 metros a área mínima de ocorrência cerâmica constatada.

d) Sítio João Galinha - Anexo 4

Sítio cerâmico de grandes dimensões, com presença de terra preta antropogênica em grande quantidade. Este sítio está localizado próximo ao rio Jari, margem direita, na planície aluvial e pertence ao Sr. João Galinha, líder comunitário da Vila Santo Antônio. Durante a etapa de reconhecimento da área, este senhor acompanhou a equipe de arqueologia nas imediações da Vila Santo Antônio, principalmente nas áreas de empréstimo e, quando questionado sobre a presença de fragmentos cerâmicos de vasilhames de provável origem indígena, indicou e acompanhou a equipe até o local que chama de sítio.

Em seu sítio, que é habitado por outro senhor, são mantidos uma criação de cabras e um pomar. Toda a extensão sem cobertura vegetal deste sítio foi verificada, sendo que foram

encontrados terra preta e muitos cacos cerâmicos em grande parte do local. Como ocorrem locais sem terra preta neste descampado, supôs-se que esse local possa ser a periferia da antiga habitação das populações que ali ocuparam. A certificação dessa suposição só será possível após realização de um trabalho de delimitação do sítio arqueológico, sistematizando o conhecimento obtido.

Foi realizado neste sítio o monitoramento de suas condições gerais e de seu comportamento frente às fortes chuvas que iniciaram no mês de dezembro de 2003. Um morador local, nesta oportunidade, abriu uma cova de aproximadamente 2 x 3 metros, cujo perfil exibia grande quantidade de cerâmica em todo o pacote sedimentar de terra preta, com mais de 50 centímetros de espessura. Devido às chuvas, este local do sítio corre perigo de erosão com a conseqüente perda de informações contextualizadas, caso haja algum desmoronamento (Figura 8.5-4, Figura 8.5-5, Figura 8.5-6 e Figura 8.5-7).

Uma das particularidades deste sítio é a espessura de seu pacote de terra preta, considerado incomum e de grande valia para os estudos de arqueologia da UHE Santo Antônio do Jari, no que diz respeito principalmente ao processo de formação dos depósitos e sítios arqueológicos na região. A outra particularidade é a indústria cerâmica já identificada. A indústria cerâmica proveniente deste sítio demonstrou ser bastante marcada pela recorrente estilização dos vasilhames cerâmicos, além de grande variedade de decorações.



Figura 8.5-4 - Visão geral da área de prospecção deste sítio, à margem do rio Jari e ao lado da Vila Santo Antônio. Neste local foi encontrada grande quantidade de cerâmica.



Figura 8.5-5 - Detalhe da área do sítio, onde foi realizado caminhamento exaustivo em busca de vestígios arqueológicos. Nesta área foram encontradas lascas de arenito.



Figura 8.5-6 - Área onde foi aberta sondagem 30 x 30 cm, realizada para verificar o pacote sedimentar. Não foram encontrados vestígios na sub-superfície.



Figura 8.5-7 - Detalhe das cerâmicas e lasca de arenito encontradas no sítio.

e) Sítio Manoel Barbosa - Anexo 5

Sítio lito-cerâmico, localizado na margem esquerda do rio Jari. Apresenta configuração semelhante aos outros sítios de terra preta identificados. Inicia-se na margem do rio Jari e se desenvolve por cerca de 300 metros sentido sul-norte pela planície aluvial, e cerca de 350 metros leste-oeste encosta acima. Esta área se caracteriza por possuir uma parte já descampada (sobretudo no alto da encosta) e uma parte de vegetação herbácea. Somente o entorno da casa e da roça de mandioca do Sr. Manoel Barbosa apresenta floresta equatorial tropical preservada.

A terra preta foi notada desde o desembarque, logo à frente da residência, onde também já foram avistados os primeiros fragmentos cerâmicos, de menor dimensão (os processos de circulação intensa de pessoas e animais acabam por fragmentar mais ainda os cacos superficiais). Sondagens confirmaram que o pacote sedimentar deste sítio possui entre 40 e 50 centímetros de espessura, com vestígios cerâmicos e líticos até essa profundidade. Miller et al, em seu estudo de licenciamento da UHE Samuel, no Estado de Rondônia, aponta que, após o pacote primário de terra preta (da superfície até cerca de 50 cm de profundidade) há um hiato estéril, mas que, a 4 metros de profundidade, ocorrem níveis de ocupação pré-cerâmica. No caso do sítio Manoel Barbosa, assim como nos outros sítios de terra preta, os futuros perfis estratigráficos deverão ser realizados em trincheiras de 4 a 5 metros de profundidade (caso o terreno possua sedimento até essa profundidade), a fim de eliminar a possibilidade de sítios nesta profundidade no vale do rio Jari, ou então, de descobri-los.

Os vestígios notados no sítio Manoel Barbosa foram identificados, sendo posteriormente mostrados aos moradores (Sr. Manoel Barbosa e sua esposa) que, rapidamente, identificaram os fragmentos como “restos de panelas dos índios antigos”, o que demonstrou ter a população ribeirinha certo conhecimento sobre os aspectos históricos da região em que habitam e a capacidade de reconhecimento de vestígios arqueológicos. Foi sugerido pelo Sr. Manoel Barbosa e esposa a vistoria da roça de mandioca mantida a cerca de 300 metros da residência, numa clareira aberta há muito tempo (cerca de 20 anos) onde, segundo eles, havia muitos outros fragmentos. Esta clareira, de cerca de 200 x 100 metros, apresenta terra preta em toda sua extensão e grande quantidade de fragmentos que, apesar da agricultura, foram bem preservados - estando a média deles com mais de 5 x 5 centímetros.

É de fundamental importância ter uma noção do nível do conhecimento que a população local tem do material arqueológico. A equipe aproveitou o contato direto com as populações ribeirinhas para obter esta informação. O que se depreende é que um programa de educação patrimonial bem estruturado e adequado às realidades diversas destes moradores pode potencializar um canal de informações extremamente frutífero, podendo ser utilizado tanto na descoberta de novos sítios (dentro e fora das áreas da empresa), como para a preservação permanente dos sítios já conhecidos (Figura 8.5-8, Figura 8.5-9, Figura 8.5-10 e Figura 8.5-11).



Figura 8.5-8 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. Manoel Barbosa.



Figura 8.5-9 - Detalhe da área do sítio, onde foi aberta a sondagem. No perfil, grande quantidade de cerâmica em contexto e terra preta até cerca de 50 cm.



Figura 8.5-10 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes da área do sítio.



Figura 8.5-11 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes da área do sítio.

f) Sítio João Francisco - Anexo 6

Sítio cerâmico, localizado na margem esquerda do rio Jari. Apresenta configuração semelhante aos outros sítios de terra preta identificados até o momento: inicia-se na margem do rio Jari e se desenvolve por cerca de 230 metros sentido sul-norte pela planície aluvial e cerca de 300 metros leste-oeste encosta acima. Esta área se caracteriza por parte já descampada (sobretudo no alto da encosta) e parte por vegetação herbácea. Somente o entorno da moradia e da roça de mandioca e milho do Sr. João Francisco, apresenta floresta equatorial tropical preservada.

O exemplo do sítio Manoel Barbosa, desde o encontro do rio com a palafita onde mora a família do Sr. Manoel Barbosa, pode ser notada a presença de sedimento de cor muito escura (terra preta). Pode ser observado que esta cor do sedimento perpetua-se em alguns pontos, pela utilização dos locais como área de descarte de matéria orgânica (sobras de comida, capim, caules e folha da mandioca, folhas do milho, etc.) que, ao serem lançadas da janela da cozinha ou ao serem transportadas ao local, entram facilmente em decomposição, gerando ácidos úmidos e matéria orgânica; esses, ao se misturarem com a matriz básica do sedimento, acabam por compor a terra preta. Ressalta-se que este processo observado não é de forma alguma responsável pela presença da terra preta neste local. Aqui, ela somente colabora para a produção de matéria orgânica e, de fato, seria enorme a pretensão de tentar explicar a presença da terra preta pelo descarte de material orgânico pelo homem moderno (Figura 8.5-12, Figura 8.5-13 e Figura 8.5-14).

A cerâmica identificada no sítio João Francisco assemelha-se ao tipo de cerâmica encontrada no sítio vizinho, Manoel Barbosa. Trata-se de uma cerâmica feita por meio de roletes pinçados, antiplástico composto, sobretudo de areia (grãos de quartzo arredondados e subarredondados), que formam pasta homogênea e grossa. A fatura é simples, sendo que poucas vezes ocorre qualquer padrão decorativo na cerâmica em superfície. Segundo a bibliografia referente, é possível que uma indústria cerâmica mais técnica e especializada, apresentando, sobretudo, complexos padrões decorativos e grande variedade de formas (bojos, pescoços, fundos, alças, apliques) e cores, pode aparecer em níveis mais profundos. A fase de prospecção servirá para diagnosticar melhor os complexos cerâmicos encontrados nos sítios arqueológicos do rio Jari, suas distribuições, padrões locais, cronologias e preferências.



Figura 8.5-12 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. João Francisco e o descampado acima da casa, onde ocorre grande quantidade de cerâmica em superfície.



Figura 8.5-13 - Detalhe da área descampada do sítio, onde ocorre grande quantidade de cerâmica.



Figura 8.5-14 - Detalhe do material cerâmico encontrado no sítio.
Observar quebra na junção do rolete.

g) Sítio da Nega - Anexo 7

Sítio cerâmico, apresentando terra preta e vestígios arqueológicos pré-históricos em superfície. O sítio é caracterizado por uma clareira aberta na margem direita do rio Jari, que configura uma paisagem típica do local e dos sítios encontrados: uma planície aluvial de grandes dimensões abriga uma pequena casa inabitada (segundo moradores próximos, esta era a moradia da Sra. Nega, já falecida), com uma pequena plantação de milho e um grande pomar, localizado dos lados esquerdo e direito da casa, respectivamente.

Todo o local aferido apresentou grande quantidade de terra preta antropogênica, cujas sondagens revelaram ter a espessura média de 50 cm. Um pacote sedimentar de terra preta, com cerca de 50 cm de espessura, denota grande atividade por um período de tempo não muito curto, ou seja, deve-se provavelmente a uma ocupação sedentária dos grupos pré-históricos cultivadores de mandioca/milho e pescadores, segundo definição de Hackenberger (1998).

O sítio da Nega, ainda que bem semelhante aos outros sítios de terra preta da futura UHE, apresenta certas particularidades. O local do pomar possui uma elevação médio-abrupta extremamente suspeita de não se tratar de processo natural (Figura 8.5-15, Figura 8.5-16, Figura 8.5-17 e Figura 8.5-18).



Figura 8.5-15 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia da sr^a. Nega e o descampado acima da casa, onde ocorre grande quantidade de cerâmica em superfície.



Figura 8.5-16 - Detalhe da área de ocorrência de vestígios arqueológicos em área afastada das casas.



Figura 8.5-17 - Detalhe da sondagem realizada, afim de verificar a espessura do pacote sedimentar, que chegou aos 50 centímetros, sendo também notada a presença de fragmentos cerâmicos nesta profundidade.



Figura 8.5-18 - Detalhe do fragmento cerâmico encontrado em contexto de terra preta no sítio da Nega.

2) Sítios Localizados na AID

a) Sítio Ilha de Itapeuara - Anexo 8

Sítio pré-histórico localizado a norte do futuro eixo da UHE, quase no final do reservatório previsto, na extremidade norte da ilha de mesmo nome. Trata-se de um sítio destinado ao polimento de machados, mós e adornos de pedra em geral. É constituído de vários (22) sulcos e bacias de polimento na parte de cima da ilha, onde o afloramento apresenta-se em acamamentos preferencialmente planos, levemente inclinados. Neste local, os ocupantes da ilha, durante período pretérito, desenvolveram as mais diversas atividades de polimento. No momento da segunda etapa de campo, o rio estava na época “cheia”, estando encobertos os polidores mais baixos, nos blocos na beira da ilha, que na época seca foram vistos parcialmente inundados. Somados esses sulcos e bacias, este sítio possui mais de 30 marcas de atividades de polimento.

Segundo Prous et al (2003), é de fundamental importância o estudo desses polidores, em busca de dados, tais como: atividades de produção, tipos de indústria produzidos, tipos de movimentos realizados, preferência de matérias-primas e locais, entre outros. Em seu trabalho, Prous apontou a produção de réplicas destes artefatos e o estudo dos machados arqueológicos como meio principal para compreensão do modo de vida destas populações, no que pode ser entendido como um estudo de etnoarqueologia e arqueologia experimental que traz, também, novas informações a respeito de metodologia de abordagem das indústrias

líticas de populações cerâmicas (Figura 8.5-19, Figura 8.5-20, Figura 8.5-21 e Figura 8.5-22).



Figura 8.5-19 - Vista geral da ilha de Itapeuara, no segundo plano o afloramento arenítico que foi utilizado pelos grupos pré-históricos para fabricar machados, tembetás, mós e outros instrumentos e adornos.



Figura 8.5-20 - Detalhe das bacias e sulcos de polimento encontrados no topo do afloramento da ilha. A princípio, segundo estudos de referência, foram utilizados para fabricar os instrumentos.



Figura 8.5-21 - Detalhe de uma seção do afloramento onde foram encontrados somente sulcos. Atribuem-se estes a uma função diferente das bacias.



Figura 8.5-22 - Conjunto de sulcos e bacias também encontrados na ilha. Todos os polidores estão agrupados em duas lajes areníticas preferenciais, somando cerca de 40 polidores no total.

h) Sítio Santo Antônio - Anexo 9

Sítio lito-cerâmico localizado a cerca de 100 metros - direção norte - da vila de Santo Antônio. Este sítio foi identificado por ter sido seccionado no momento de realocação da vila e a conseqüente construção de estradas e vias de acesso para as áreas de empréstimo do empreendimento. Está situado no pequeno platô acima da vertente que termina no rio Jari, e se estende provavelmente até a área de vertente da floresta, a oeste. Porém, para afirmar e planejar com precisão as atividades, a delimitação deste sítio ainda deverá ser realizada,

seguindo metodologia específica, prevista para etapa de prospecção e salvamento arqueológico.

Trata-se de um sítio lito-cerâmico, a princípio, pouco denso, diferindo dos outros sítios encontrados. Apresenta cerâmica de fabrico e estilo simples, cuja pasta é composta, sobretudo, de grãos de quartzo (rolados e sub-rolados) de espessura média-grossa. Não apresenta terra preta antropogênica em qualquer local onde foi realizado caminhamento. Apresenta pequena quantidade de arenito de má qualidade, lascado, sendo o único sítio que apresentou este tipo de indústria. Nas imediações do sítio, foram detectadas jazidas desta rocha pelo caminhamento percorrido pela equipe.

A compreensão deste sítio nos vários contextos (paleoambiente e ambiente atual) é de fundamental importância para identificar os processos de alteração e perturbação do contexto natural de deposição do sítio, assim como as ações tafonômicas desenvolvidas pelos agentes antrópicos e/ou naturais diretamente sobre os vestígios e o depósito arqueológico parcialmente destruído. Além desse viés de pesquisa, outra hipótese a ser esclarecida se refere às indústrias presentes neste sítio, seja lítica ou cerâmica: identificar os processos de obtenção e transformação da matéria-prima em instrumentos e utensílios com base nas jazidas locais e na pequena quantidade de vestígios que o sítio oferece para recuperação. Estudar os processos de formação dos sítios, suas indústrias e sua distribuição no espaço a partir de sítios perturbados/semi-destruídos é uma das vertentes mais atuais de pesquisa que se desenvolve na arqueologia brasileira, pois é fato que o número de sítios perturbados/semi-destruídos cresce a cada dia, decorrente da ação antrópica atual ou pretérita, de qualquer natureza (Figura 8.5-23, Figura 8.5-24, Figura 8.5-25, Figura 8.5-26 e Figura 8.5-27).



Figura 8.5-23 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. responsável pelo local.



Figura 8.5-24 - Detalhe da área do sítio, onde foi aberta a cova de 2 x 3 m aproximadamente. No perfil, grande quantidade de cerâmica em contexto.



Figura 8.5-25 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes do perfil aberto pela cova.



Figura 8.5-26 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos. Observar bordas e fundos.



Figura 8.5-27 - Detalhe do tipo de fatura (decoração plástica da borda) da cerâmica arqueológica encontrada. Observar a terra preta em contexto.

i) Sítio Cachoeira - Anexo 10

Sítio cerâmico localizado em platô defronte ao rio Jari, a cerca de 150 metros da cachoeira de Santo Antônio, na margem direita do rio. O sítio foi identificado em uma pequena clareira no meio dos cipós, onde um matacão de arenito aflorava. Durante sua aferição, foi notada a presença de cacos cerâmicos de grande espessura, misturado à laterita. Esta última, em diversas situações serviu como guia natural do indicativo de grande devastação da cobertura vegetal. Normalmente, após a retirada da cobertura vegetal original, o ferro contido nas camadas do solo da floresta equatorial tropical se precipita na superfície em pequenas

plaquetas e blocos. A presença freqüente destes indicativos e uma grande área de precipitação podem facilmente levar à morte uma parte do ecossistema, assim como comprometer a preservação e estabilidade de um sítio arqueológico.

A pesquisa arqueológica no âmbito deste sítio deve abordar, na fase de prospecção e salvamento, a delimitação precisa, a topografia detalhada, o completo registro fotográfico e a realização de perfis e cortes estratigráficos (sondagens) para verificar outros tópicos de fundamental importância para compreensão dos processos de formação e alteração do sítio arqueológico.

3) Sítios Localizados na ADA

a) Sítio Dona Dalvina - Anexo 11

Sítio cerâmico localizado em área plana, na beira do rio Jari, em local conhecido como sítio da Dona Dalvina, avó de um dos trabalhadores da equipe de apoio, de nome Edivaldo. Segundo ele, era este o local onde costumava colher pupunha, açaí e outros frutos e sempre achava "caveirinhas" que, na realidade, se assemelham aos adornos cerâmicos Santarém e Konduri. A referida peça apresenta traços típicos dos dois estilos citados, entretanto não foi possível definir a qual destes estilos ela pertence.

Este sítio possui grandes dimensões, estimadas em 300 x 300 metros, de forma elipsóide, apresentando a seguinte configuração atual: à margem do sítio, por onde foi acessado, trata-se de um pomar de árvores frutíferas, pupunha e açaí, onde o solo encontra-se praticamente exposto, sem muita vegetação rasteira permitindo a visualização de grande quantidade de cerâmica dispersa na superfície. Todo este local apresenta sedimento muito escuro, decorrente do grande fluxo de ocupações humanas. Na porção norte do sítio, após o caminhar em um trecho médio de trilha pela floresta, pode ser visualizada uma ampla roça de mandioca e milho, onde o solo encontra-se basicamente muito exposto, facilitando notar a presença de inúmeros cacos de cerâmica de diversos tamanhos e variedades. Mais para a porção leste, encontra-se uma área grande de floresta onde continua a ser evidenciada a presença de material cerâmico por debaixo das folhas caídas das árvores por mais cerca de 200 a 250 metros. As sondagens realizadas neste sítio indicam, a princípio, que seu pacote de terra preta varia entre 40 e 60 centímetros.

j) Sítio Limoeiro - Anexo 12

Sítio cerâmico localizado às margens do rio Jari, do lado do Amapá. Insere-se na paisagem da margem do rio Jari, estendendo-se por cerca de 70 metros de planície aluvial e mais cerca de

250 metros de encostas suaves. A cobertura vegetal de praticamente toda a área é dada por floresta equatorial tropical, a não ser na planície aluvial, que é completamente constituída por árvores frutíferas variadas que compõe o pomar localizado ao lado da casa do Sr. Valdomiro Aires da Silva, mais conhecido como “Baruquinha”. Na porção norte do sítio, assim como no sítio Dona Dalvina, há um pequeno platô após suave encosta, apresentando um descampado onde se cultiva milho e mandioca. Neste local, o solo exposto e bem remexido pela ação do plantio e colheita dos tubérculos, permitiu encontrar grande quantidade de cerâmica em superfície. Durante todo o caminhamento realizado na área de plantio, do pomar, da casa do Sr. Valdomiro e da área de floresta que circunda as outras áreas, foi encontrada grande quantidade de bordas e fundos de vasilhames de formas variadas.

A imagem que se tem é que este sítio, a exemplo dos sítios Dona Dalvina e da Farinha, caracteriza-se por constituir um grande aldeamento pré-histórico, apresentando terra preta numa espessura geral entre 40 e 70 centímetros, com grande potencial para pesquisa científica e grande potencial de ameaça, uma vez que está localizado na margem do rio Jari e se não for resgatado será certamente encoberto pelo enchimento do reservatório. Portanto, conforme colocado, recomenda-se que a prospecção neste sítio desenvolva todos os mapeamentos, sondagens e delimitações que se fizerem necessários ao planejamento adequado do resgate de material arqueológico.

k) Sítio Ilha Sabão - Anexo 13

Sítio cerâmico localizado na Ilha Sabão, às margens do rio Jari, próximo à vila de Santo Antônio. Insere-se na paisagem da ilha estendendo-se por cerca de 50 metros de planície aluvial e mais cerca de 300 metros de encostas suaves, onde o Sr. Chiquinho cultiva mandioca e milho. A cobertura vegetal é de floresta equatorial tropical, a não ser na planície aluvial e na área mais elevada, onde está o roçado, que apresentam desmatamento (abertura de clareira), seja para habitação ou mesmo atividade agrícola.

Nestas áreas de clareira, identificou-se grande quantidade de fragmentos cerâmicos e, em menor quantidade, vestígios líticos de origem pré-histórica. Outro indicador de ocupação exaustiva e permanente das populações pré-históricas na ilha e, por consequência, em todos os outros sítios que foram diagnosticados, é a presença de terra preta antropogênica, geralmente em pacotes que superam os 40 centímetros de espessura.

Nota-se que, recorrentemente, os moradores atuais da região diagnosticada utilizam os locais de terra preta para o plantio, uma vez que esta, rica em nutrientes derivados da constante decomposição de matéria orgânica, oferece elevado potencial fértil. Contudo, ainda que

revolidas pelas enxadas desses moradores, os locais de terra preta (sempre de grandes dimensões, concordando com todos os trabalhos arqueológicos realizados na Amazônia que descrevem ou citam de alguma maneira estas manchas), exibem grande quantidade e densidade de vestígios arqueológicos. Supõe-se, com base na vistoria realizada neste sítio, que o revolvimento feito pela enxada é extremamente superficial, sendo provavelmente menos que 20 centímetros, uma vez que o arado mecânico afeta a profundidade de 35 centímetros os solos agricultáveis. Neste caso, assim como nos dos outros sítios, os locais descampados nas encostas e nas margens do rio Jari funcionaram sempre como um forte indicativo paleopaisagístico na prospecção dos locais de assentamentos pré-históricos, que sempre guardam uma forte relação com o contexto ambiental.

Este sítio deverá ser afetado diretamente pelo futuro enchimento do reservatório, assim como pelas obras de construção da barragem, sendo neste caso, recomendado o prosseguimento das atividades de prospecção em tempo hábil para o planejamento de resgate arqueológico antecipado, visando a liberação da área para a realização das obras. Esta fase de prospecção deve ser realizada com vistas a desenvolver as diversas atividades de registro e planejamento da etapa seguinte por meio de topografia, registro paisagístico e fotográfico, delimitação de extensão e sondagens para espacialização dos vestígios na área do sítio, buscando observar a distribuição espacial da ocupação pretérita no local, como meio de reconstituir as atividades cotidianas, ritualísticas, econômicas e culturais do(s) grupo(s) que ocuparam este sítio.

I) Sítio Seu Sebastião - Anexo 14

Sítio cerâmico localizado na margem direita do rio Jari, próximo à Ilha Sabão. Sua inserção na paisagem está disposta da mesma forma que o sítio Ilha Sabão, apresentando terra preta sem cobertura vegetal, da margem do rio até cerca de 300 ou 400 metros à oeste (adentro da floresta), chegando a um roçado de grandes dimensões.

Segundo informa o Sr. Sebastião, morador do local do sítio, os fragmentos cerâmicos em superfície foram sempre avistados. Reforçou que, há mais tempo, quando costumava abrir clareiras na floresta para plantar gêneros alimentícios, encontrava grandes aglomerações de fragmentos cerâmicos de "grandes dimensões", ou seja, somente parcialmente quebrados (sabe-se por vários exemplos etnográficos que grande parte dos grupos indígenas, ao abandonarem uma área, sempre quebram os vasilhames abandonados). A presença de fragmentos de dimensões consideráveis neste sítio (cerca de 30 x 20 centímetros) pode indicar que, após o abandono do local pelas populações pré-históricas, este não foi novamente reocupado até a chegada dos moradores atuais, nas primeiras décadas do século XX, favorecendo a preservação do pacote sedimentar que abriga os vestígios arqueológicos. O bom

estado de conservação desse pacote permitirá avaliar o grau de importância e complexidade desse sítio frente ao contexto arqueológico local.

As atividades a serem desenvolvidas na fase de prospecção e salvamento estão relacionadas diretamente à avaliação do estado de conservação do sítio, sua inserção exata na paisagem e sua composição e espacialização. Para obter estas informações deverão ser realizados mapeamentos, topografia, sondagens, interpretação de perfis, registros fotográficos, indústrias e, eventualmente, datação de níveis habitacionais pré-históricos para o esclarecimento das hipóteses de trabalho criadas a partir da situação de diagnóstico.

8.5.6 Recomendações

Os sítios arqueológicos, assim como também os locais de ocorrência arqueológica identificadas nas Áreas de Influência Direta e Indireta da UHE Santo Antônio do Jari são passíveis de sofrerem impactos negativos com a construção das obras destinadas à edificação das benfeitorias da usina hidrelétrica.

Assim, recomenda-se o prosseguimento das pesquisas de levantamento e identificação de outras áreas com material arqueológico, como forma de garantir a preservação de algumas áreas e a efetivação das pesquisas arqueológicas na grande parte dos sítios encontrados, sobretudo nos que atualmente se encontram em situação delicada, colocando o depósito arqueológico em risco de perda definitiva.

Nesse caso, indica-se, dentro do Programa de Prospecção e Salvamento do Patrimônio Arqueológico, a implantação dos Projetos de Educação Patrimonial e Monitoramento do Patrimônio Arqueológico, a fim de se prevenir perdas e resgatar, em tempo hábil, as informações arqueológicas. E ainda, considerando que o empreendimento encontra-se em fase de Licenciamento Prévio, bem como que os trabalhos referentes Patrimônio Arqueológico estão avançados em relação a esta etapa, as negociações com Equipe Técnica Especializada para elaboração do referido Projeto estarão sendo realizadas com vistas a dar prosseguimento aos trabalhos de preservação e salvamento do patrimônio cultural da área.

As atividades de levantamento e identificação de áreas com potencial arqueológico e cultural, assim como também das atividades de Educação Patrimonial e de Monitoramento Arqueológico, têm sua descrição e caracterização indicadas no Programa de Prospecção e Salvamento Arqueológico.

ANEXOS

ANEXO 1 - PORTARIA IPHAN Nº 252, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2003

Nº 249, terça-feira, 23 de dezembro de 2003

PORTARIA Nº 252, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2003

Dispõe sobre a permissão para realizar o programa de diagnóstico arqueológico da PCH Santo Antônio, no Rio Jarí, Município de Monte Dourado, no Estado do Pará.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN, nos termos da Portaria nº 88, de 04.05.95, publicada no D.O.U., Seção 2, de 30.06.95 e de acordo com o disposto no Anexo I, do Decreto nº 2.807, de 21 de outubro de 1998, na Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, na Portaria SPHAN nº 07, de 01 de dezembro de 1988, e ainda do que consta do processo administrativo nº 01492.000137/2003-93, resolve:

I - Expedir a presente PERMISSÃO, sem prejuízo das demais licenças exigíveis por diferentes órgãos e entidades da Administração Pública, aos Arqueólogos Alexandre de Almeida Carmius Helmholtz e Leandro Augusto Franco Xavier para, com o apoio institucional do Museu Casa do Jarí, realizar as atividades do programa de diagnóstico arqueológico da PCH Santo Antônio, no Rio Jarí, Município de Monte Dourado, no Estado do Pará, em área delimitada pelas seguintes coordenadas geográficas: 0°40' latitude sul e 52°30' longitude oeste.

II - Reconhecer como Coordenadores dos trabalhos de que trata o item anterior, os Arqueólogos Alexandre de Almeida Carmius Helmholtz e Leandro Augusto Franco Xavier, detentores da presente permissão, cujo projeto se intitula "Programa de Diagnóstico Arqueológico - PCH Santo Antônio - Rio Jarí/PA".

III - Reconhecer os Arqueólogos designados Coordenadores do Trabalho como fiéis depositários, durante a realização das etapas de campo, do material arqueológico recolhido ou de estudo que lhes tenha sido confiado.

IV - Determinar à 2ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o acompanhamento e a fiscalização da execução dos trabalhos, inclusive no que diz respeito à destinação e à guarda do material coletado, assim como das ações de preservação e valorização dos remanescentes.

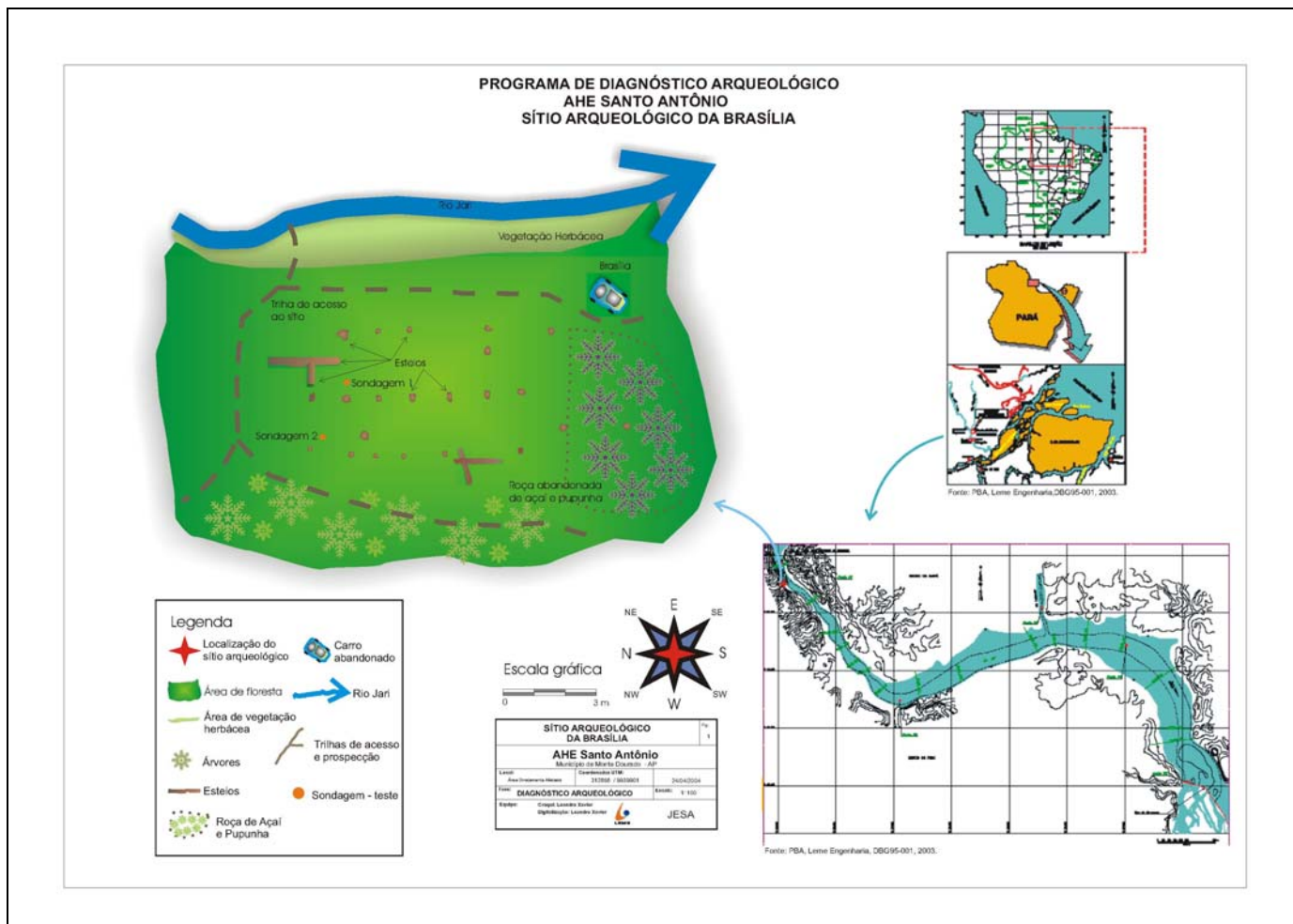
V - Condicionar a eficácia da presente permissão, à apresentação, por parte dos Arqueólogos Coordenadores, de relatório final ao término do prazo fixado nesta Portaria, contendo todas as informações previstas no artigo 12 da Portaria SPHAN nº 07, de 01 de dezembro de 1988.

VI - Fixar o prazo de validade da presente permissão em 04 (quatro) meses, observada a disposição do item anterior.

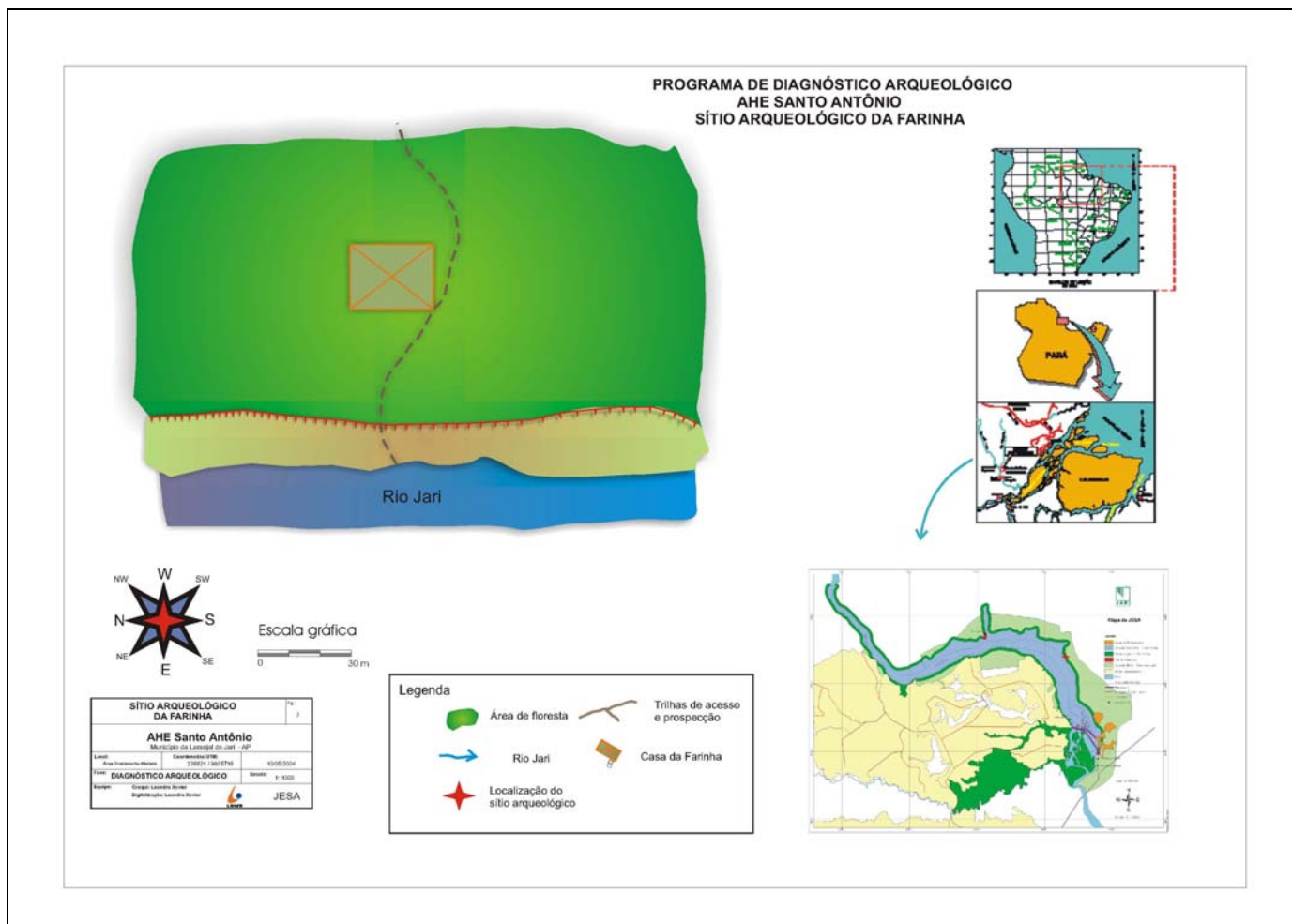
Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

MAURÍCIO DE ALMEIDA CHAGAS

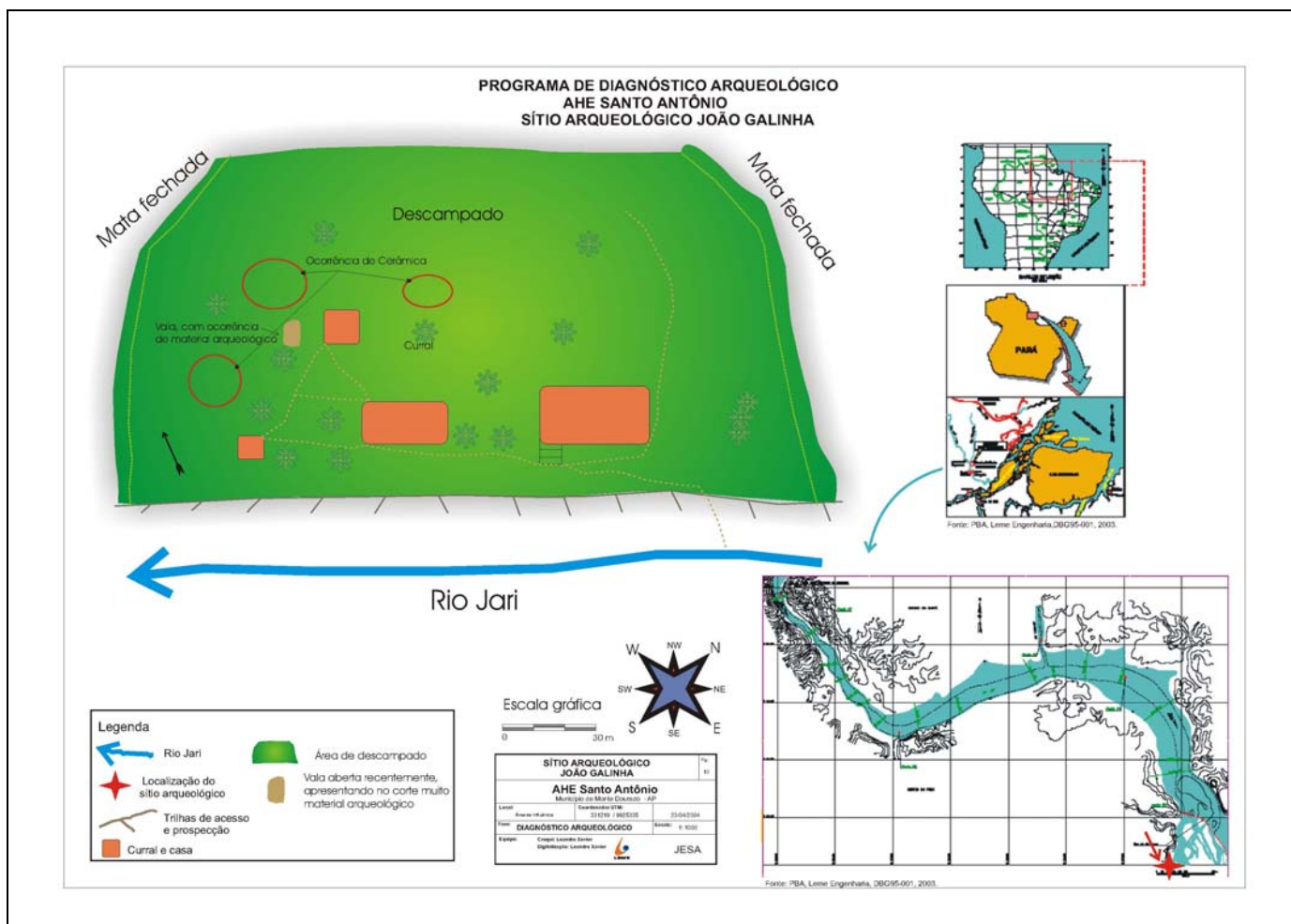
ANEXO 2 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO DA BRASÍLIA



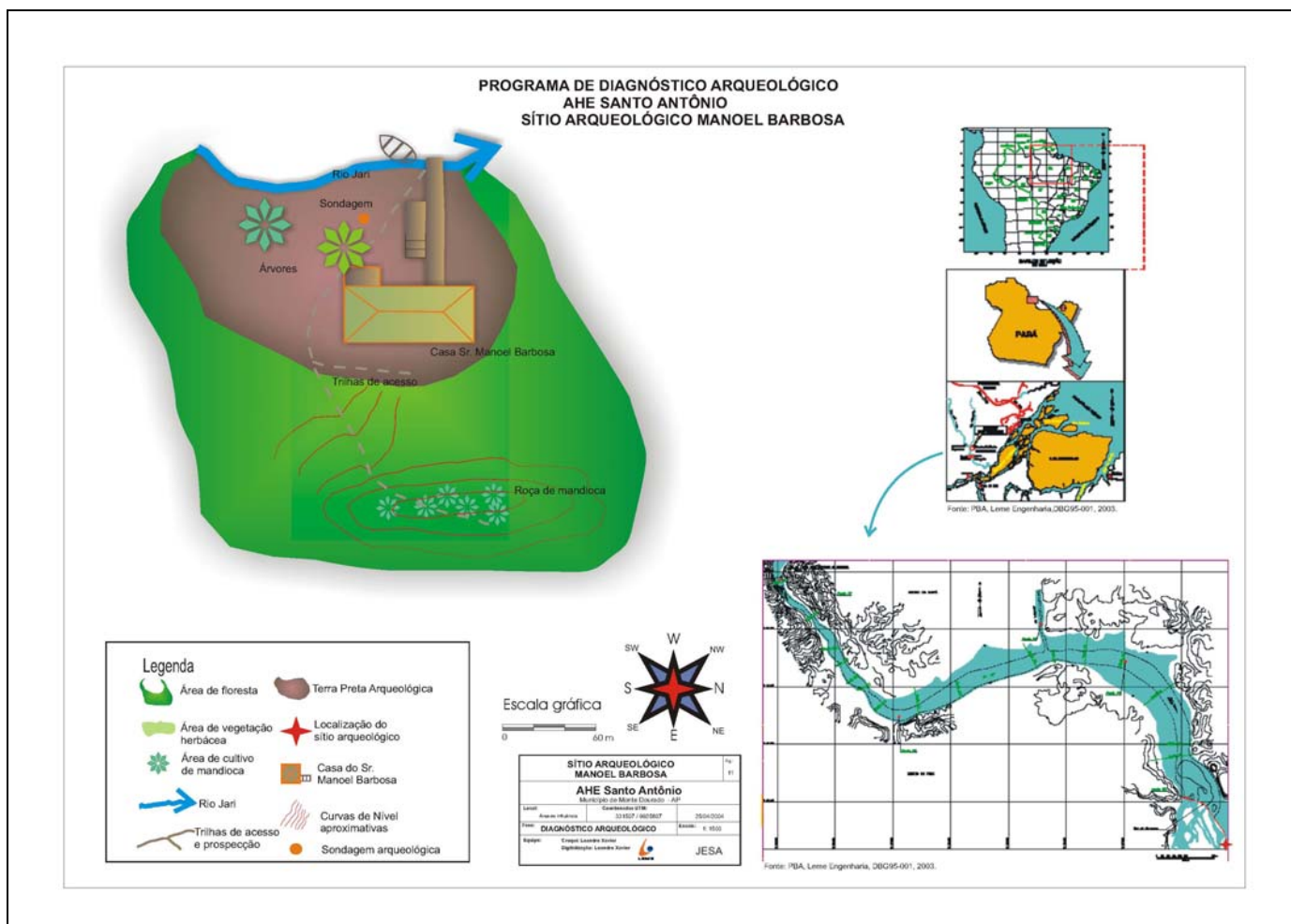
ANEXO 3- PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO DA FARINHA



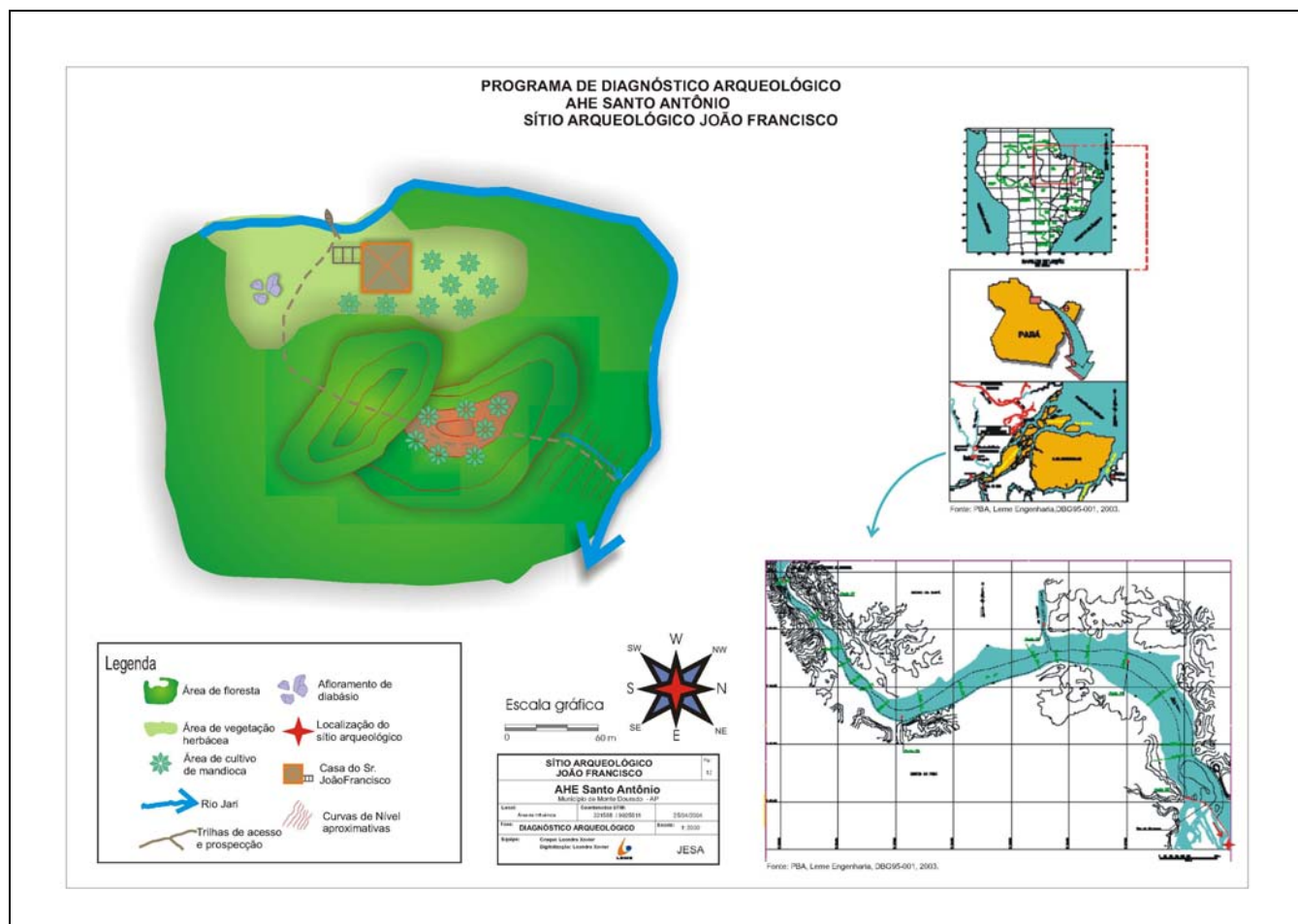
ANEXO 4- PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO JOÃO GALINHA



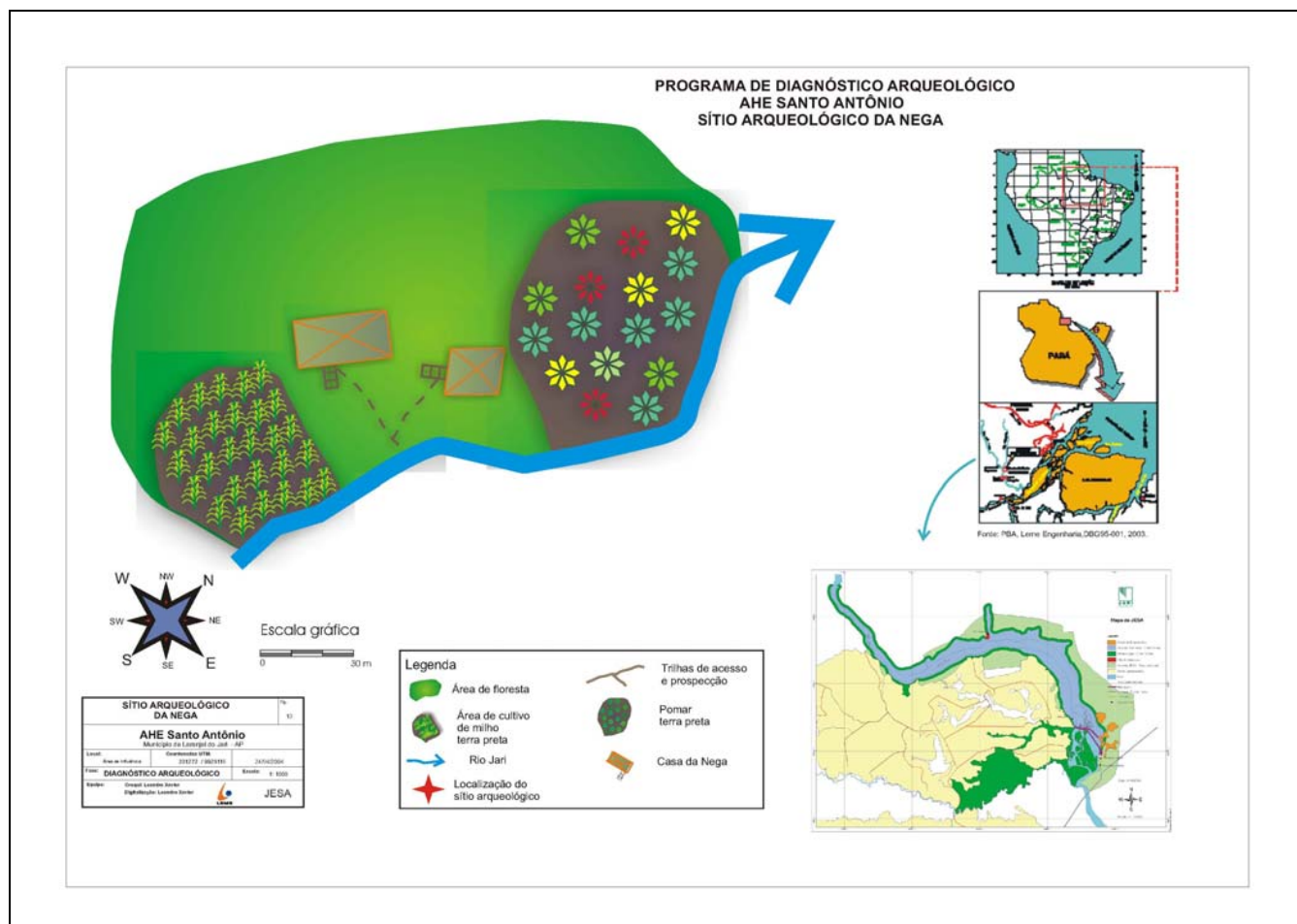
ANEXO 5- PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO MANOEL BARBOSA



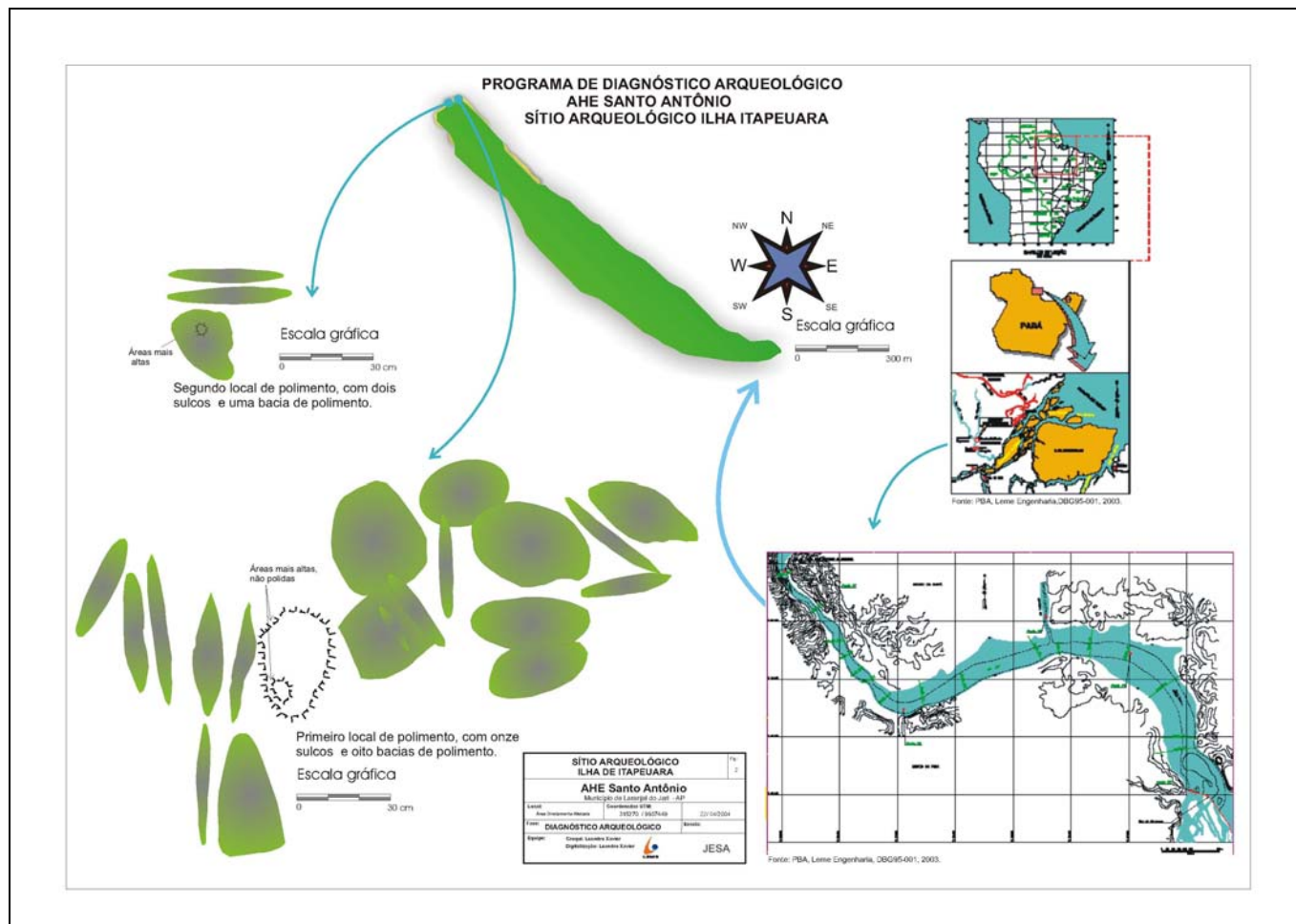
ANEXO 6- PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO JOÃO FRANCISCO



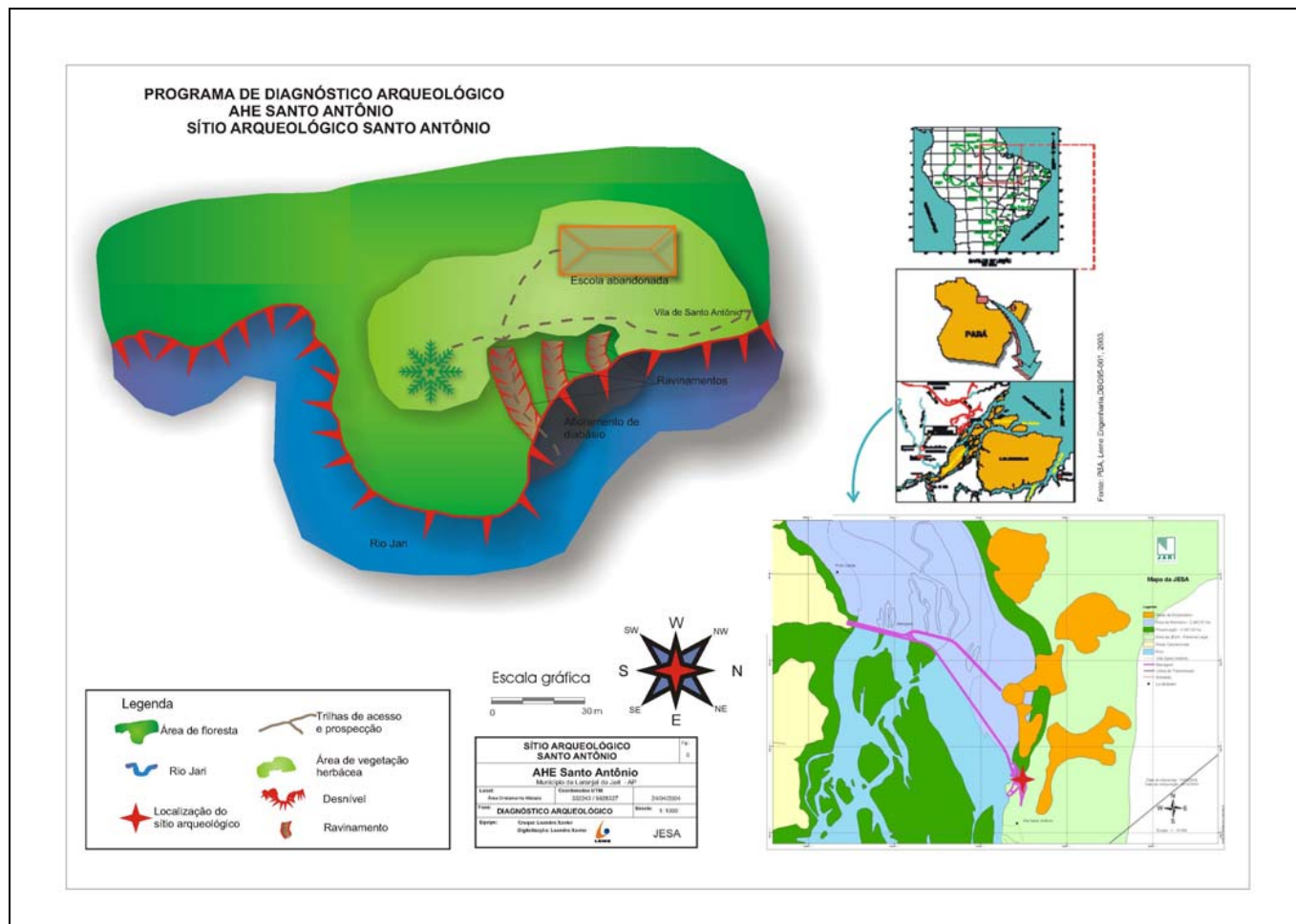
ANEXO 7- PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO DA NEGA



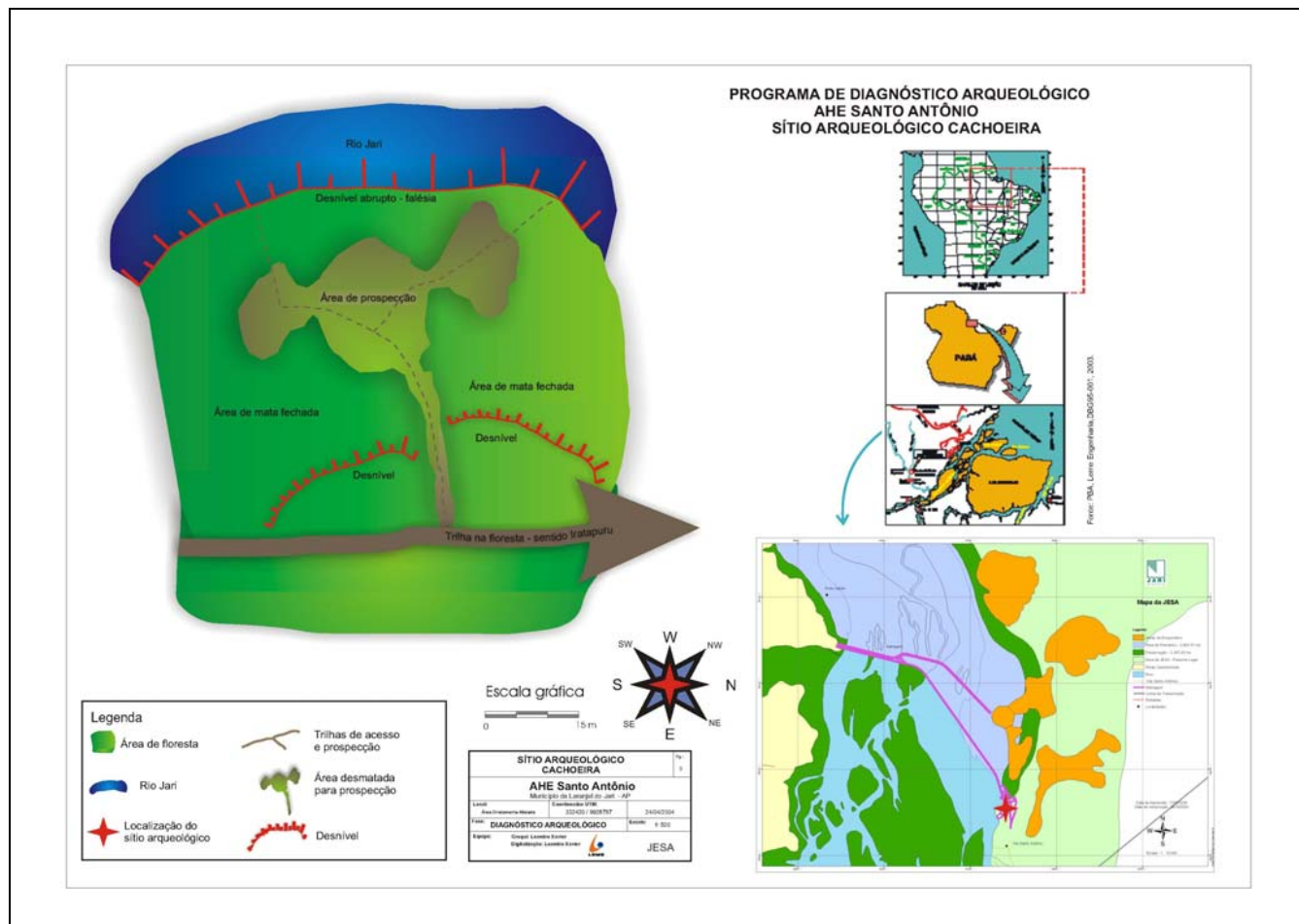
ANEXO 8 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO ILHA DE ITAPEUARA



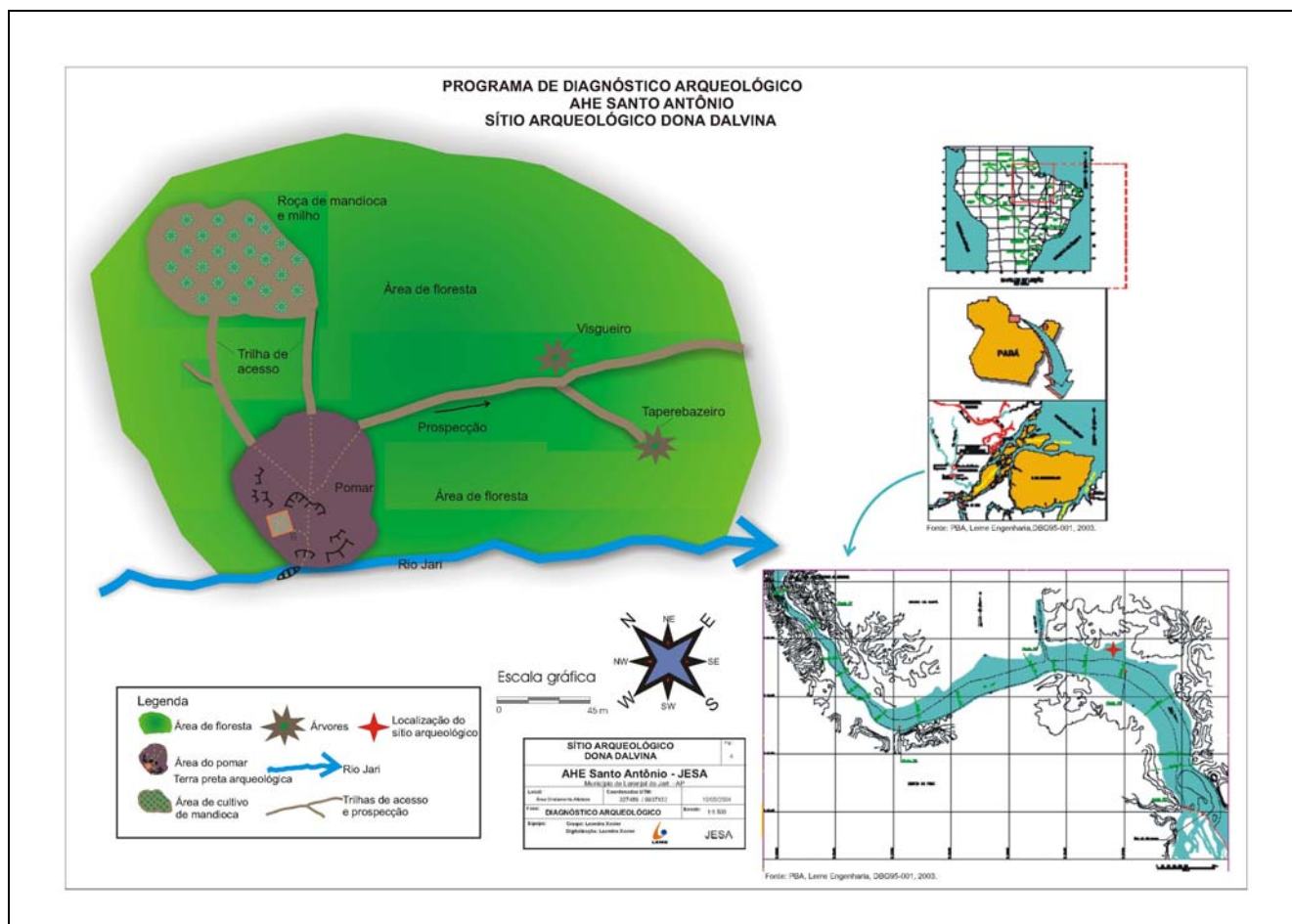
ANEXO 9 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO SANTO ANTÔNIO



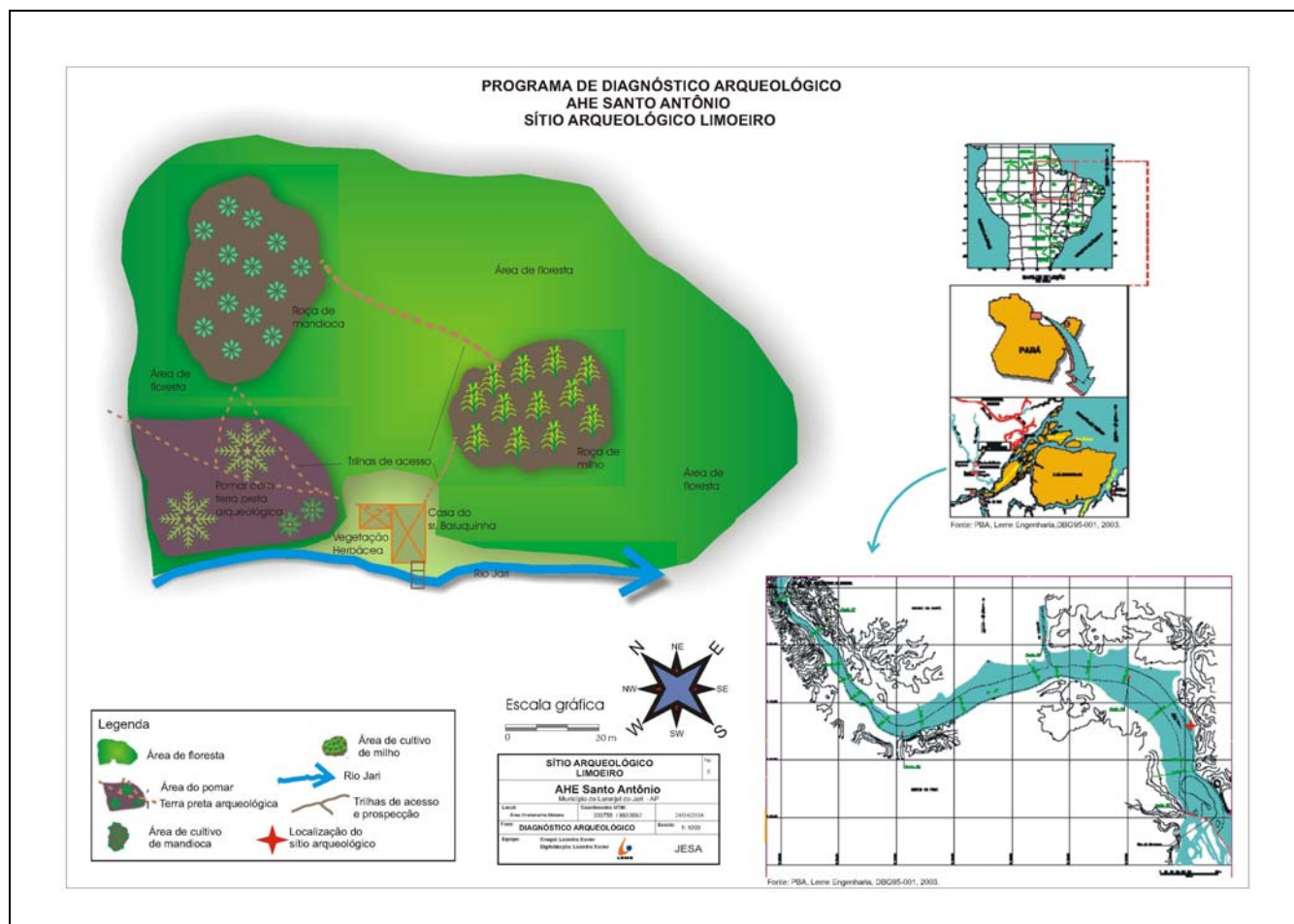
ANEXO 10 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO CACHOEIRA



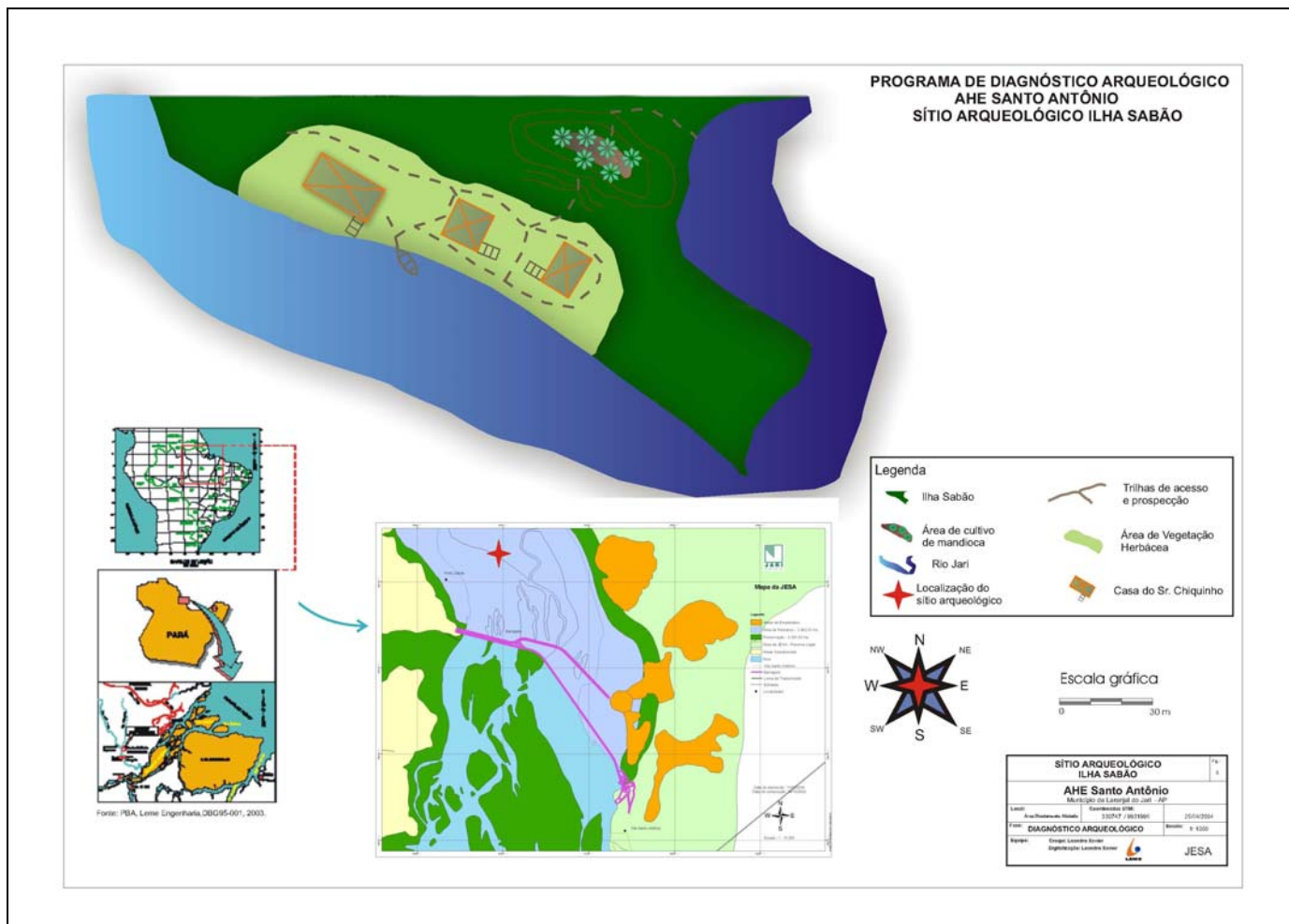
ANEXO 11 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO DONA DALVINA



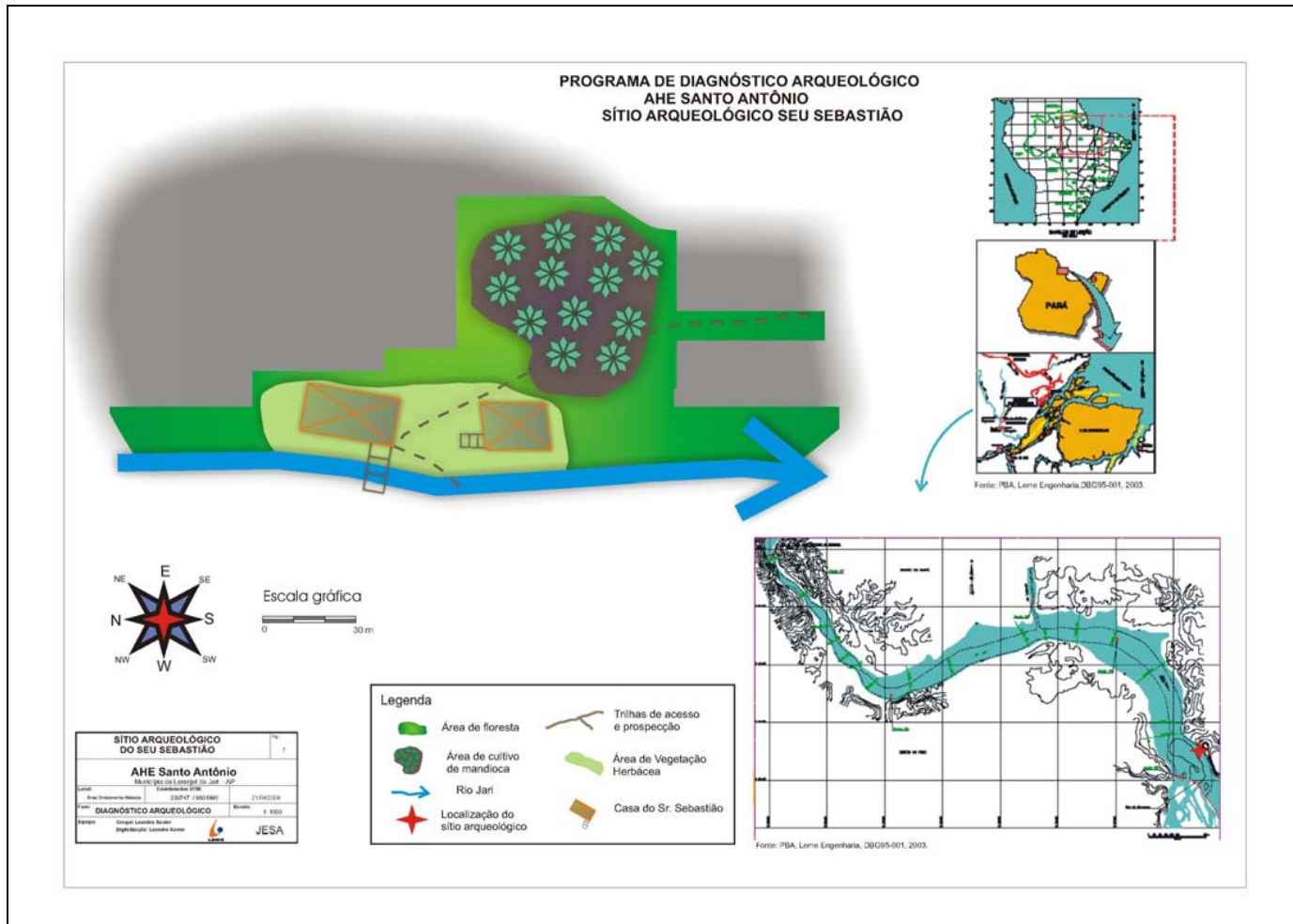
ANEXO 12 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO LIMOEIRO



ANEXO 13 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO ILHA SABÃO



ANEXO 14 - PLANTA DE SITUAÇÃO - SÍTIO SEU SEBASTIÃO



ANEXO 15 - RELATÓRIO FOTOGRÁFICO



Foto 1 - Vista geral dos esteios que sustentavam antiga moradia local. Observar o alinhamento.



Foto 2 - Automóvel abandonado, marca Wolkswagen, modelo Brasília, utilizado na década de 60 e 70. Este automóvel abandonado compõe o tipo de vestígio não usual em sítios arqueológicos, mas ilustra bem o contexto histórico recente da região.



Foto 3 - Sondagem 30x30 cm realizada no Sítio da Brasília, para verificar o pacote sedimentar. Não foram encontrados vestígios na subsuperfície.



Foto 4 - Área com um segundo alinhamento de esteios que sustentavam outra parte da antiga moradia e, ao fundo, uma roça de açaí abandonada.



Foto 5 - Visão geral da área do sítio que apresenta vegetação fechada (cipó), onde foi aberta uma clareira e encontrados fragmentos cerâmicos.



Foto 6 - Detalhe da área do sítio, onde foi realizado caminhamento exaustivo em busca de vestígios arqueológicos. Esta área no momento de prospecção estava completamente alagada.



Foto 7 - Detalhe da sondagem realizada em busca de vestígios arqueológicos no pequeno platô do sítio.



Foto 8 - Detalhe de outra sondagem realizada em busca de vestígios arqueológicos na área seccionada do sítio.



Foto 9 - Visão geral da área do sítio que apresenta paredes da antiga construção dos capuchos ainda preservada.



Foto 10 - Vista da parede que já foi destruída. A queda de várias árvores no local já comprometeu grande parte da antiga construção



Foto 11 - Detalhe do material utilizado na construção: Telha e blocos de pedra.



Foto 12 - Detalhe da árvore tombada e posteriormente cortada. Embaixo deste tronco, o vestígio de uma antiga parede da construção.



Foto 13 - Visão geral da área de ocorrência de cerâmica e terra preta na roça de milho.



Foto 14 - Vista geral da área do sítio que apresenta ausência de cobertura vegetal nativa, onde a terra preta está em exposição.



Foto 15 - Detalhe da sondagem realizada na região do pomar, a fim de verificar a espessura do pacote de terra preta e a presença de vestígios de subsuperfície. A ocorrência foi percebida até 50 centímetros de profundidade.



Foto 16 - Área de pomar, onde ocorre grande densidade de fragmentos cerâmicos e terra preta.



Foto 17 - Detalhe da presença de fragmentos cerâmicos e líticos em contexto de terra preta arqueológica.

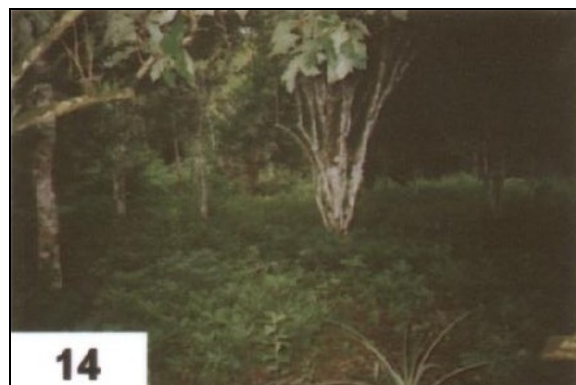


Foto 18 - Visão geral da área de ocorrência de cerâmica e terra preta.



Foto 19 - Vista geral da área do sítio que apresenta cobertura de floresta tropical equatorial.



Foto 20 - Detalhe da casa da Farinha, local que deu nome ao sítio. Esta casa, utilizada para fabricar farinha, não está em uso atualmente.

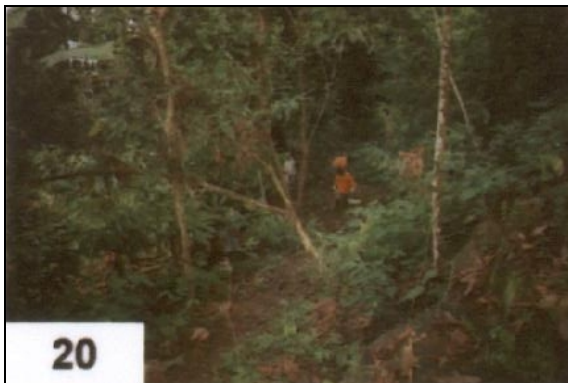


Foto 21 - Área de aclave/declive, próximo ao rio, onde foi inicialmente notada a presença de fragmentos cerâmicos e líticos durante o diagnóstico de campo.



Foto 22 - Visão geral das casas e do local onde foi notada a presença de fragmentos cerâmicos e realizado parte do levantamento oportunístico.



Foto 23 - Vista geral da área complementar do sítio, que apresenta floresta muito fechada (intocada). Esta área está bem preservada.



Foto 24 - Detalhe da área de ocorrência de vestígios arqueológicos, próximo às casas. Observar a presença de terra preta.



Foto 25 - Detalhe da sondagem realizada, a fim de verificar a espessura do pacote sedimentar, que chegou aos 40 centímetros, sendo também notada a presença de fragmentos cerâmicos nesta profundidade.



Foto 26 - Vista geral da ilha de Itapeuara, no segundo plano o afloramento arenítico que foi utilizado pelos grupos pré-históricos para fabricar machados, tembetás, mós e outros instrumentos e adornos.



Foto 27 - Detalhe das bacias e sulcos de polimento encontrados no topo do afloramento da ilha. A princípio, segundo estudos de referência, foram utilizados para fabricar os instrumentos.



Foto 28 - Detalhe de uma seção do afloramento onde foram encontrados somente sulcos. Atribuem-se estes a uma função diferente das bacias.



Foto 29 - Momento de "seca" (novembro), onde o nível do rio Jarí abaixa e é possível observar os polidores na pequena praia da ilha. Isso prova a sazonalidade (seca/cheia) do uso da ilha pelos diferentes grupos pré-históricos.



Foto 30 - Conjunto de sulcos e bacias também encontrados na ilha. Todos os polidores estão agrupados em duas lajes areníticas preferenciais, somando cerca de 40 polidores no total.



Foto 31 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. João Francisco e o descampado acima da casa, onde ocorre grande quantidade de cerâmica em superfície.



Foto 32 - Vista do vale do rio Jarí, a partir do topo da encosta, onde ocorre grande quantidade de cerâmica pré-histórica



Foto 33 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos *in situ*.



Foto 34 - Dimensão da área descampada do sítio, onde ocorre grande quantidade de cerâmica.



Foto 35 - Detalhe do material cerâmico encontrado no sítio. Observar quebra na junção do rolete.



Foto 36 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. Responsável pelo local.



Foto 37 - Detalhe da área do sítio, onde foi aberta a cova de 2 x 3 m aproximadamente. No perfil, grande quantidade de cerâmica em contexto.



Foto 38 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes da erosão do perfil aberto pela cova.



Foto 39 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos. Observar bordas e fundos.



Foto 40 - Detalhe do tipo de fatura (decoração plástica da borda) da cerâmica arqueológica encontrada. Observar a terra preta em contexto.



Foto 41 - Visão geral da moradia (palafita) do sr. Valdomiro "baruquinha", onde foi notada a presença de terra preta e feito o levantamento oportunístico.



Foto 42 - Vista geral da área do sítio que apresenta ausência de cobertura vegetal nativa, onde a terra preta está em exposição, assim como os fragmentos cerâmicos.



Foto 43 - Detalhe da área de pomar, ao lado da residência do sr. Valdomiro, que apresenta vasta ocorrência de sedimento orgânico - terra preta - e grande quantidade de fragmentos cerâmicos e líticos.



Foto 44 - Detalhe de fragmento cerâmico (borda), com quebra no rolete. Observar a fatura simples da cerâmica, sem nenhuma decoração.



Foto 45 - Detalhe do percutor e quebra-côco encontrado no sítio, que exemplifica a indústria lítica dos sítios ceramistas locais.



Foto 46 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia do sr. Manoel Barbosa



Foto 47 - Detalhe da área do sítio, onde foi aberta a sondagem. No perfil, grande quantidade de cerâmica em contexto e terra preta até cerca de 50 centímetros.



Foto 48 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes da área do sítio.



Foto 49 - Detalhe dos fragmentos cerâmicos provenientes da área do sítio.



Foto 50 - Visão geral da área de prospecção deste sítio, à margem do rio Jarí e ao lado da Vila Santo Antônio. Neste local foi encontrada grande quantidade de cerâmica.



Foto 51 - Detalhe da área do sítio, onde foi realizado caminhamento exaustivo em busca de vestígios arqueológicos. Nesta área foram encontradas lascas de arenito.



Foto 52 - Detalhe da área de ocorrência de vestígios arqueológicos em área de ravinação.



Foto 53 - Área prospectada próximo à área de ravinação, onde foram encontrados fragmentos cerâmicos.



Foto 54 - Detalhe das cerâmicas e lasca de arenito encontradas no sítio.



Foto 55 - Visão geral da área de prospecção deste sítio, à margem do rio Jarí. Neste local foi encontrada grande quantidade de cerâmica.



Foto 56 - Vista geral da área interna do sítio (mata fechada), onde foi realizado caminhamento exaustivo em busca de vestígios arqueológicos.



Foto 57 - Detalhe da área de ocorrência de vestígios arqueológicos em área afastada das casas.



Foto 58 - Detalhe da sondagem realizada, a fim de verificar a espessura do pacote sedimentar, que chegou aos 50 cm, sendo também notada a presença de fragmentos cerâmicos nesta profundidade.



Foto 59 - Visão geral da área do sítio que apresenta terra preta em toda parte, no fundo, a moradia da sra. Nega e o descampado acima da casa, onde ocorre grande quantidade de cerâmica em superfície.



Foto 60 - Vista do pomar, ao lado da casa, que apresenta grande quantidade de cerâmica em superfície.



Foto 61 - Detalhe da área de plantação de milho.



Foto 62 - Detalhe do fragmento cerâmico encontrado em contexto de terra preta no sítio da Nega.